

MANUAL DO DISCIPULADO



1

Igreja Chuva Serôdia

Wilson Castro

MANUAL DO DISCIPULADOR – VOLUME 1

Igreja Chuva Serôdia
Porto Alegre, RS – Brasil
<https://chuvaserodia.org.br>

Autor: Wilson Linhares Castro
Arte da capa: Lucas Castro
Diagramação: Lisandro Abulatif

Os textos bíblicos utilizados são extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª Edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, exceto quando outras versões são informadas.

Direitos Autorais

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial – Sem Derivações 4.0 Internacional. Isto significa que este trabalho pode ser livremente utilizado e distribuído, desde que não sejam realizadas alterações em seu conteúdo e não seja utilizado para fins comerciais. No caso do uso de trechos específicos, a fonte deverá ser citada da seguinte forma:

“CASTRO, W. L.. Manual do Discipulado: Volume 1. Porto Alegre. Igreja Ministério Chuva Serôdia. 2021.”

SUMARIO

1. CONCEITO DE DISCIPULADO	2
2. A PRÁTICA DO DISCIPULADO.....	2
3. Ensina a Palavra de Deus.	2
4. Tenha encontros regulares.....	3
A) Encontro informal	3
B) Encontro programado.....	3
5. Duração do discipulado.....	4
6. Número de discípulos.....	4
LIÇÃO 1 - MENSAGEM DA SALVAÇÃO	5
1. O motivo da criação	5
2. O pecado e suas consequências	5
3. As boas novas.....	6
LIÇÃO 2 - REQUISITOS PARA A SALVAÇÃO	7
1. Fé em Deus	7
2. Arrependimento	7
A) Abandonar o pecado.....	8
B) Voltar-se para Deus.....	8
3. Confissão.....	8
4. Batismo nas águas.....	9
LIÇÃO 3 - BATISMO NO ESPÍRITO SANTO	10
1. Quem é o Espírito Santo?.....	10
2. A habitação do Espírito Santo	10
3. O batismo no Espírito Santo	10
4. Qual a importância do batismo para a vida cristã?	11
5. Qual a evidência inicial do batismo no Espírito Santo?	11
6. Como receber o batismo no Espírito Santo.....	12
LIÇÃO 4 - DEVOCIONAL	13
1. I. O que é devocional?.....	13
2. A importância do devocional	13
3. Planejando o devocional.....	14
4. O que fazer no horário devocional	14

5. A importância de se orar em línguas durante o devocional.....	15
LIÇÃO 5 - CONGREGAR.....	16
1. Somos a família de Deus.....	16
2. A importância dos relacionamentos.....	16
3. Somos o corpo de cristo	17
4. A importância de congregar	18
A) Tira-nos do nosso isolamento egoísta	18
B) Ajuda-nos a amadurecer.....	18
C) Dá-nos um destino.....	18
D) Impede-nos de cair.....	19
5. Conclusão.....	19
LIÇÃO 6 - A CEIA DO SENHOR.....	20
1. Definição e história.....	20
2. O seu significado.....	20
3. O que representa o pão?	21
4. O que representa o vinho?.....	21
5. Cuidados ao tomar a ceia	21
6. Como devemos celebrar a ceia?	21
LIÇÃO 7 - DÍZIMOS E OFERTAS	23
1. Conceito e origem.....	23
2. O dízimo e a Lei.....	23
3. Distinção entre dízimo e oferta	23
A) Ofertar	23
B) Dizimar	24
4. O princípio da generosidade.....	25
5. O princípio da sementeira	25
LIÇÃO 8 - CERIMÔNIAS E PRÁTICAS CRISTÃS.....	27
1. Apresentação de crianças.....	27
2. O matrimônio.....	27
3. O ato fúnebre.....	28
4. A imposição de mãos	28
5. A unção com óleo:	28
6. A oração antes das refeições	28
7. O jejum.....	29

8. As vigílias	30
LIÇÃO 9 - EVANGELIZAÇÃO	31
1. O que é o evangelho.....	31
2. A importância da evangelização	31
3. Uma missão para todos.....	31
4. As três etapas da evangelização.....	32
5. Evangelizar nunca é em vão.....	32
6. Evangelizando no poder do espírito santo.....	33
LIÇÃO 10 - MUDANDO A NOSSA MANEIRA DE PENSAR.....	34
1. Tudo começa com deus.....	34
2. As sagradas escrituras.....	34
3. A Bíblia – agente de mudança e transformação	35
4. A Bíblia contestada.....	35
5. Alinhando os nossos pensamentos com as escrituras	35
6. Sendo ensinável	36
7. Praticantes e não somente ouvintes	36
LIÇÃO 11 - PECADOS SEXUAIS.....	38
1. O que é andar em novidade de vida?	38
2. O que são obras dignas de arrependimento?	38
3. O que é vida de pecado?	38
4. Pecados sexuais	39
A) O que é prostituição?	39
B) O que é impureza?	40
C) O que é lascívia?.....	40
LIÇÃO 12 - PECADOS DE SUPERSTIÇÃO.....	42
1. O que é idolatria	42
2. O que é feitiçaria	43
3. O que é Astrologia	44
4. O que é Espiritismo?	45
5. Seitas e falsas religiões.....	46
6. Objetos amaldiçoados.....	47
LIÇÃO 13 - PECADOS DE RELACIONAMENTO	49
1. O que é inimizade.....	49
2. O que é porfia	49

3. O que é ciúme.....	50
4. O que é ira.....	50
5. O que é discórdia.....	51
6. O que é dissensão.....	51
7. O que é facção.....	51
8. O que é inveja.....	51
LIÇÃO 14 - PECADOS DE EXCESSO.....	53
1. Alcoolismo.....	53
2. Tabagismo.....	53
3. Entorpecentes.....	53
4. Jogos de Azar.....	54
5. Glotonaria.....	54
LIÇÃO 15 - E COISAS SEMELHANTES A ESTAS.....	55
1. A mentira.....	55
2. A desonestidade.....	55
3. A linguagem carnal.....	56
4. A ociosidade.....	56

PALAVRA INICIAL

A vida cristã tem muito em comum com a vida natural. Como na vida natural, o homem nasce espiritualmente, cresce, amadurece e gera filhos na fé. É o ciclo da vida em Cristo. Por isto encontramos no Novo Testamento verbos como: “gerar”, “nascer”, “crescer”, “amadurecer” e substantivos como: “filho”, “pai”, “criança” e “adulto” (Jo.1:12; I Co.3:1-2; Ef.4:13,14; Hb.5:12-14). Para entendermos o discipulado, precisamos entender esta metáfora.

Para crescer espiritualmente, o cristão deve passar por um processo de treinamento que há de levá-lo até a medida da estatura de Cristo. O discipulado é o método bíblico de ensino por excelência, pois visa à construção de uma comunidade de pessoas maduras na fé e comprometidas umas com as outras.

Portanto, precisamos formular um programa de ensino que possua todo o conteúdo necessário para levar o discípulo à maturidade e à frutificação. Isto quer dizer que devemos formular um currículo das verdades fundamentais do evangelho.

Estas lições devem ser teológicas e práticas, pois a bíblia contém temas teológicos (questões de fé) e temas ético-cristãos (questões de comportamento). A distinção é relevante porque, quanto ao primeiro, devemos mudar a nossa maneira de pensar e, quanto ao segundo, a maneira de nos comportar.

Este módulo (e os próximos), sem a pretensão de abranger todo o conteúdo do ensino apostólico, procura reunir os pontos mais importantes para que um discípulo de Jesus possa alcançar uma vida de maturidade espiritual e frutificação no seu caminhar com Deus.

Wilson Linhares Castro

INTRODUÇÃO AO MANUAL DE DISCIPULADO

“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado.” (Mt.28:19,20)

1. CONCEITO DE DISCIPULADO

Etimologicamente, a palavra “discípulo” (*mathetés*, no grego) significa: “aluno”, “aprendiz”. O antônimo desta palavra é “mestre” (*didáskalos*, no grego), que quer dizer: “aquele que ensina”. Logo, o discipulado visa treinamento para a maturidade e frutificação espiritual.

Talvez a melhor definição de *discipulado* seja a que foi dada por Keith Phillips, no seu livro “Ouse Discipular”:

“O discipulado cristão é um relacionamento de mestre e aluno baseado no modelo de Cristo e seus discípulos, no qual o mestre reproduz tão bem no aluno a plenitude da vida que tem em Cristo que o aluno é capaz de treinar outros para ensinarem a outros”.

Essa definição encontra respaldo naquilo que Paulo escreveu para Timóteo:

“Tu, pois, filho meu, fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus. E o que de minha parte ouviste, através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos, para instruir a outros.” (II Tm.2:1,2).

2. A PRÁTICA DO DISCIPULADO

3. Ensina a Palavra de Deus.

Jesus instruiu os seus discípulos a ensinarem os novos convertidos a observar tudo o que Ele havia ordenado. (Mt.28:20). Em obediência, a Igreja incluiu, na sua evangelização, o estudo da Bíblia para aqueles que iam sendo salvos.

“Ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo.” (Cl.1:28)

“Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação.” (1 Pe.2:2)

Jesus, que é nosso modelo, tinha um programa de ensino, pois Ele disse:

“Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade.” (Jo.16:12,13).

O Senhor, portanto, não improvisou. Ele sabia exatamente o que queria ensinar aos seus discípulos. Ele escolheu o programa de ensino criteriosamente, incluindo certas verdades e deixando outras para mais tarde, confiando no Espírito Santo para ensiná-las. Este ensinamento que Jesus deixou tornou-se *“a doutrina dos apóstolos”* (At.2:42), da qual temos um exemplo em Hebreus 6:1, 2.

Paulo, mais tarde, por revelação do Espírito Santo, completou este ensino formando um corpo de doutrina que ele chamou de *“todo o desígnio de Deus”*. (At.20:27).

O nosso manual, sem a pretensão de abranger todo o conteúdo do ensino apostólico, procura reunir os pontos mais importantes para que um discípulo de Jesus Cristo possa alcançar uma vida de maturidade espiritual e frutificação no seu caminhar com Deus.

4. Tenha encontros regulares.

Jesus chamou os doze para estarem com ele 24 horas por dia. Eles comiam, dormiam, ministravam e viajavam juntos, vivendo pela fé. Nossa cultura e situação socioeconômica não nos permitem tamanha dedicação. Por isso, precisamos administrar o nosso tempo para aproveitá-lo ao máximo.

Existem dois tipos de encontro com os nossos discípulos:

A) Encontro informal

Consiste em fazer certas atividades junto com o discípulo para criar um relacionamento mais íntimo com ele. O conteúdo desse tipo de encontro não é sistematizado. Nosso objetivo, basicamente, é conhecer o discípulo melhor e deixá-lo nos conhecer passando alguns momentos informais em sua companhia. Podemos passear, jantar ou até fazer compras juntos.

B) Encontro programado.

O objetivo de um encontro assim é lançar as bases para as verdades bíblicas. Trata-se de encontros semanais para ensino, aconselhamento, oração e serviço. Estes encontros devem ser preparados tendo estes objetivos em mente. O local para

estas reuniões pode ser variado, dependendo do programa e da fase em que se está. Por exemplo, talvez uma visita a um hospital para orar pelos enfermos ou ir a uma praça para evangelizar seja o encontro ideal.

5. Duração do discipulado.

Assim como os filhos naturais amadurecem em tempos diferentes, os discípulos também têm seu próprio ritmo de crescimento. Precisamos respeitar a individualidade e as características pessoais de cada um.

Os discípulos não são iguais. Não se trata de uma linha de montagem onde as peças são todas idênticas. Alguns apontarão para a liderança; outros, não. Alguns precisarão de mais atenção; outros darão mais trabalho. Ora, Jesus tinha muitos seguidores, mas ele separou apenas doze para discipular. Dos doze, ele escolheu três para estarem mais perto dele.

O motivo desta distinção certamente estava no propósito que Deus tinha para cada um.

O ideal seria que o discipulado durasse entre um e dois anos. Este foi aproximadamente o tempo que Jesus levou para treinar os seus discípulos:

- I. Em torno de um ano, entre Mc.3:14 e Mc.6:7, para estarem com ele;
- II. Mais um ano, entre Mc.6:7 e Mc. 16:15, para os enviar a pregar.

6. Número de discípulos.

Jesus discipulou doze, mas a cultura e o estilo de vida da Palestina eram muito diferentes dos nossos. Não creio que seja possível discipular um grupo tão grande de pessoas, pois o tempo curto e as responsabilidades do dia a dia nos obrigariam a colocar todos numa vala comum, fazendo do discipulado mais um estudo bíblico do que um treinamento para a maturidade e frutificação.

Paulo sempre trazia um ou dois discípulos, no máximo, nas suas viagens missionárias. Estes homens estavam em treinamento. A sua agenda, sempre cheia, não permitia que ele cuidasse de mais gente do que isso. Creio que devemos seguir o seu exemplo.

LIÇÃO 1 - MENSAGEM DA SALVAÇÃO

“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie.” (Ef.2:8,9)

1. O motivo da criação

O propósito de Deus ao criar o homem era constituir uma família de muitos filhos semelhantes a Seu Filho Jesus (Rm.8:28,29). Mas o Criador não queria homens e mulheres que O seguissem por imposição, mas por livre-escolha. Por isso, colocou a árvore do “Conhecimento do Bem e do Mal” no meio do Jardim do Éden. Esta árvore era um teste de obediência, dando a Adão e a Eva a possibilidade de se rebelar contra Deus e viver independente d’Ele (Gn.2:15-17).

2. O pecado e suas consequências

Apesar de usufruir das delícias do Éden e de conviver em perfeita harmonia com Deus, Adão e Eva escolheram a desobediência (significado da palavra “pecado”) e foram destituídos da glória (privilégios) concedida por Deus e condenados à morte (Gn.3:17-19; Rm.6:23).

Morte, no entanto, não significa extinção, mas separação:

- I. Morte espiritual é separação entre Deus e o homem (Ef.2:1);
- II. Morte física é separação entre o corpo e o espírito (Tg.2:26);
- III. A segunda morte é a separação eterna entre Deus e o homem (II Ts.1:8,9).

Como cabeça (representante) da raça humana, Adão transmitiu a toda sua descendência as consequências do pecado, condenando toda a humanidade à morte (Rm.5:12).

Além da maldição da morte, o pecado alterou a natureza humana, criando no ser humano uma tendência para o mal.¹ Esta tendência pode ser observada já na infância, quando a criança desafia os pais. Somos, portanto, pecadores por natureza (Sl.51:5; Rm.7:14-21).

O pecado original (desobediência de Adão), somado aos nossos próprios pecados individuais, não só nos fez culpados perante Deus, mas tornou impossível a justificação (absolvição dos pecados) por meio dos nossos próprios méritos. O pecado é como uma mancha que não sai, nem mesmo com o melhor dos detergentes (Is.64:6,7; Rm.3:19,20).

¹ A Bíblia chama esta natureza pecaminosa de “velho homem”, “carne” e “natureza terrena” (Rm.6:6; 8:3; Cl.3:5).

Por outro lado, a natureza de Deus exige a punição de todo pecado, pois “justiça e juízo são à base do Seu trono.” (Sl.89:14). Imaginem um sistema de justiça que não punisse os crimes cometidos contra a lei. Como ficaria a sociedade? No caso de Deus, não se trata apenas de uma sociedade, mas de toda a criação (Rm.8:20,21).

Um dia, todo homem terá que comparecer perante o tribunal de Deus e prestar contas de todos os seus atos. Este dia é conhecido como o “juízo eterno” (Ap.20:11-15).

3. As boas novas

Deus, no entanto, tomou sobre si a responsabilidade de nos reconciliar consigo mesmo, enviando o Seu Filho em forma de homem. Jesus, que nunca cometeu pecado, se tornou o substituto perfeito para morrer pelos pecados da humanidade (II Co.5:18,19; Rm.8:3).

- I. Ao morrer pelo pecado original de Adão, Jesus nos libertou da morte e do poder do pecado (Rm.5:12,15-19).
- II. Ao morrer pelos pecados individuais de cada ser humano, Jesus tornou possível a nossa justificação (I Co.15:3; I Pe.3:18).
- III. Ao ressuscitar dos mortos, Jesus tornou-se cabeça de uma nova raça de homens nascidos do Espírito Santo (Jo.3:5-8; I Co.15:21,22, 45-49).

O perdão dos pecados e a reconciliação com Deus agora são oferecidos a todos, gratuitamente, mediante a fé na obra redentora de Jesus Cristo (Ef.2:8,9; I Tm.2:4-6).

Por isto, quando tentamos ser aceitos por Deus por meio dos nossos próprios méritos, estamos afirmando que as nossas boas obras têm mais peso do que o sacrifício de Jesus. A justiça própria, portanto, é uma grande ofensa para Deus e jamais será aceita (Rm.10:3,4; Gl.2:16,21; Fl.3:8,9).

Existem apenas dois caminhos, com dois destinos diferentes: o céu e o inferno. É a nossa resposta ao Evangelho que determina onde passaremos a eternidade (Jo.3:18; Mt.10:28).

LIÇÃO 2 - REQUISITOS PARA A SALVAÇÃO

“Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados.” (At.2:38)

1. Fé em Deus

A palavra fé, no grego, é *pístis* e significa “certeza”, “convicção” (Hb.11:1). Com relação ao Evangelho, a fé é uma profunda convicção de que as promessas de Deus, feitas em Cristo Jesus, são verdadeiras, gerando uma inteira confiança n’Ele e não mais em nós mesmos.

A fé, no entanto, está sempre relacionada à obediência. Como está escrito:

“Por meio d’Ele e por causa do Seu nome, recebemos graça e apostolado para chamar dentre todas as nações um povo para a obediência que vem pela fé.” (Rm.1:5).

É essa relação entre fé e obediência que vemos na vida de Abraão. A Bíblia diz que “Abraão creu em Deus” (Tg.2:23) e, por isso, obedeceu quando Deus disse: “Saia da tua terra, do meio dos parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que Eu lhe mostrarei.” (Gn.12:1).

Em obediência à Palavra de Deus, portanto, todo aquele que crê deve:

- I. Se **arrepender** da sua independência de Deus (At.3:19);
- II. **Confessar** a Jesus como Senhor (Rm.10:9,10);
- III. Nascer de novo por meio do **batismo nas águas** (Mt.28:19).

2. Arrependimento

O arrependimento é uma das condições para a salvação. O próprio Jesus afirma isto, quando diz:

“Mas se não se arrependerem, todos vocês perecerão.” (Lc.13:3).

Segundo a definição popular, “arrependimento” é um sentimento de tristeza em relação a uma falta ou erro cometido. Todavia, isso não é arrependimento, mas “remorso” (Mt.27:3-5). A palavra “arrependimento” é a tradução de uma palavra grega (*metanóia*), que quer dizer “mudar de decisão, de opinião ou de comportamento”.

Com respeito à salvação, arrependimento significa mudar a nossa opinião e comportamento em relação ao **pecado** e a **Deus** (At.26:20). Significa dar uma volta de 180 graus, abandonando a vida de pecado e se voltando para Deus (Sl.45:7).

A) Abandonar o pecado.

Os homens estão num estado de cegueira espiritual tão grande que se acham melhores do que realmente são (Ef.4:17,18). Justificam-se com frases do tipo: “Não sou uma pessoa ruim”, “Só procuro fazer o bem”, “Nunca fiz mal a ninguém”, etc. Todavia, Deus enxerga através das nossas justificativas. Ele conhece a imundícia acumulada em nossos corações e, por isso, não se impressiona com as nossas desculpas e justificativas (I Jo.1:8).

Os homens precisam estar tão profundamente convictos do seu estado pecaminoso que passam a desejar e buscar a salvação, abandonando sua velha maneira de viver. Isto é verdadeira conversão.

B) Voltar-se para Deus.

Contudo, os homens precisam mais do que apenas se arrepender dos seus pecados. Eles precisam se voltar para Deus. O nosso maior problema não está tanto nas coisas erradas que fazemos (atos), mas na atitude interior de **desobediência** (não me submeto) e **independência** (faço o que eu quero) para com Deus (Ef.2:1-3). Por isso, Deus quer atingir a raiz do problema, isto é, que mudemos a nossa atitude interior para com Ele.

3. Confissão

A palavra “confissão”, no grego, é *homologéo*, que quer dizer “falar a mesma coisa” (*homos*, mesmo; *lego*, falar), isto é, “concordar verbalmente com o que outro está dizendo”. No caso do crente, significa falar aquilo que Deus está falando em sua Palavra.

Após **crermos** na cruz e nos **arrependermos** de nossos pecados, o próximo passo é **confessar** Jesus como Senhor de nossas vidas. Como está escrito:

“Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.” (Rm.10:9).

Observe que o versículo não diz confessar Jesus como “Salvador”, mas como “Senhor”. O Evangelho do Reino enfatiza a Soberania e o Senhorio de Cristo Jesus sobre toda a criação. É um Evangelho cristocêntrico (centralizado em Cristo) e não egocêntrico (centralizado no homem).

“Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor.” (II Co. 4:5).

Confessar Jesus como Senhor significa estar disposto a não viver mais para nós mesmos, de forma egoísta e individualista, mas para Aquele que por nós morreu e ressuscitou (II Co.5:14,15).

- I. Este passo lembra muito um noivado, quando os nubentes se comprometem um com o outro a se casarem.
- II. É somente a partir da confissão que a salvação está garantida.
- III. Eis um exemplo de uma oração de confissão que deve ser proferida em voz alta:

“Jesus, eu reconheço que sou um pecador e que preciso de salvação. Creio que tu és Filho de Deus, que vieste em forma de homem, morreste na cruz pelos meus pecados, ressuscitaste no terceiro dia e hoje é Senhor de toda a criação. Eu recebo o teu perdão pela fé, renuncio às trevas, ao mundo e ao egoísmo e entrego a minha vida para ti. Amém”.

4. Batismo nas águas

O compromisso assumido com Cristo na **confissão** deve ser selado com o **batismo nas águas**, que é um sinal exterior de nosso compromisso interior.

No Oriente Médio, um pacto (aliança, contrato, compromisso) era sempre confirmado por meio de um ritual externo que servia de testemunho. Por exemplo, a circuncisão foi o sinal externo da aliança de Deus com Abraão e os seus descendentes, os judeus (Gn.17:9-11). Se um gentio, portanto, quisesse se converter ao judaísmo, teria que ser circuncidado.

O batismo nas águas é um sinal externo do nosso compromisso com Deus (Cl.2:11,12). Portanto, enquanto a fé e o arrependimento são requisitos subjetivos deste compromisso, isto é, interior e pessoal, a confissão e o batismo nas águas são requisitos objetivos, ou seja, exterior e público.

Este último passo lembra muito um casamento, quando os nubentes selam seu compromisso um com o outro.

A palavra “batismo” (*baptisma*, no grego) significa, literalmente, “imersão”. Esta era a forma primitiva de batizar, e não por aspensão ou derramamento. Este ato exterior de mergulhar em água simboliza:

- I. Nossa união com Cristo na Sua morte e ressurreição (Gl.3:27; Rm.6:3,4);
- II. Nossa separação do mundo para uma nova vida (II Co.5:17);
- III. Nossa inclusão no Corpo de Cristo (I Co.12:12,13).

Somente aquele que **crê** na mensagem da cruz, **arrepende-se** dos seus pecados e **confessa** Jesus como Senhor pode ser **batizado nas águas**. Por se tratar de uma fé consciente e pessoal, o batismo infantil não é bíblico, sendo ineficaz para a salvação (Mc.16:16).

LIÇÃO 3 - BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

“E recebereis o dom do Espírito Santo; porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar” (At.2:38,39)

1. Quem é o Espírito Santo?

O Espírito Santo é a terceira pessoa da Trindade por cujo poder o universo foi criado e é sustentado (Gn.1:2). Ele é coigual com Deus Pai e Deus Filho (Mt.28:19; II Co.13:13). Foi para Ele e o Filho que Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem.” (Gn.1:26).

Por ser uma pessoa, Ele pensa, sente, se comunica e exerce Sua própria vontade (Jo.16:12-14). Ele está presente em todas as fases do nosso caminhar com Deus:

- I. Na conversão (Jo.16:7,8);
- II. Na regeneração (Tt.3:4-6);
- III. Na santificação (II Ts.2:13);
- IV. Na nossa glorificação, quando Jesus voltar (Ef.1:19,20).

2. A habitação do Espírito Santo

Assim que uma pessoa se converte, ela recebe o Espírito Santo no seu espírito (Jo.20:22; Rm.8:9,16). Esta experiência inicial se chama de “habitação do Espírito”. Agora que o Espírito Santo habita no crente, ele é capaz de entender verdades espirituais (I Co.2:12,13) e o pecado não tem mais poder sobre ele (Rm.8:13).

3. O batismo no Espírito Santo

O batismo no Espírito Santo, todavia, é uma experiência posterior à conversão e visa dar ao crente poder para testemunhar a respeito de Jesus e realizar milagres (At.1:8; I Co.12:7-11).

O batismo no Espírito Santo não ocorre automaticamente, mas deve ser buscado (Lc.11:13). Logo, alguém pode ser convertido e ainda não ser batizado no Espírito Santo (At.8:14-17).

Quando nos convertemos e o Espírito Santo vem habitar em nós, é como encher um copo d'água. Podemos dizer que o copo agora contém a água. Quando, porém, somos batizados no Espírito Santo é como colocar o copo cheio d'água dentro de uma piscina; agora é a água que contém o copo.

4. Qual a importância do batismo para a vida cristã?

A vida cristã normal deve ser uma vida cheia de experiências sobrenaturais com Deus.

“O reino de Deus não consiste em palavra, mas em poder” (I Co.4:20).

“Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai.” (Jo.14:12).

Estas obras maiores são prometidas nos seguintes textos: Mt.10:8; Mc.16:17,18; Rm.15:18,19; I Co.2:4,5; I Ts.1:5; Hb.2:4. Todavia, esta vida sobrenatural está condicionada à experiência do Batismo no Espírito Santo.

É por isto que Jesus ordenou, em Lucas 24:49 e Atos 1:8, que Seus discípulos permanecessem em Jerusalém até que recebessem o Batismo no Espírito Santo e fossem revestidos de poder.²

Antes de sermos batizados no Espírito Santo, somos alvos d'Ele. Mas, após o batismo, tornamo-nos instrumentos em Suas mãos. Por isto, só pode experimentar os dons do Espírito de I Coríntios 12:7-11 quem já é batizado no Espírito Santo.

Além de receber poder sobrenatural (conhecido também como “unção”), a sensibilidade e a intuição espiritual do crente são aguçadas, capacitando-o a discernir a voz e o mover do Espírito Santo com mais clareza (Jo.16:12-15; At.2:16-21).

Por isto, Paulo, seguindo o exemplo de Jesus, também deu grande importância ao Batismo no Espírito Santo (At.19:1-7).

5. Qual a evidência inicial do batismo no Espírito Santo?

Falar em línguas estranhas é a prova por excelência do batismo no Espírito Santo (Mc.16:17; At.2:4; 19:6).

A distinção entre línguas, como evidência do batismo (At.2:4), e o dom de línguas (I Co.12:10), é que a primeira é uma língua angelical, enquanto que a segunda é uma língua estrangeira nunca aprendida (I Co.13:1).

² A palavra “poder”, no grego, é *dúnamis* e significa literalmente “milagre”. Em muitos textos, inclusive, é assim que ela é traduzida. Por exemplo: Mc.9:39; I Co.12:10; Gl.3:5. As palavras “dinamite” e “dínamo” têm sua raiz em *dúnamis*.

“Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine.” (I Co.13:1)

6. Como receber o batismo no Espírito Santo

- I. Aquele que deseja passar pela experiência do Batismo no Espírito Santo deve **pedi-la**. (Mc.11:24; Lc.11:13).
- II. Todavia, deve **pedi-la com fé**, pois sem fé é impossível agradar a Deus. (Mc.11:24; Hb.11:6; Tg.1:6,7).
- III. Pedir com fé significa **receber pela fé**. Como diz Paulo: “para que em Cristo Jesus a bênção de Abraão chegasse também aos gentios, a fim de que recebêssemos pela fé o Espírito Santo.” (Gl.3:14).
- IV. A **motivação**, contudo, deve estar correta, pois muitos buscam esta experiência sem estar dispostos a obedecer ao Senhor e ser usados por Ele (At.5:32).
- V. A **imposição de mãos** parece acompanhar o batismo no Espírito Santo. Logo, devemos também receber oração de outros irmãos (At.8:17).
- VI. **Falar em línguas estranhas** será o sinal de que a pessoa foi batizada no Espírito Santo (Mc.16:17; At.2:4; 19:6).
- VII. Após pedir e receber oração, a pessoa deve agradecer, parar de falar na sua língua materna e, pela fé, começar a pronunciar as palavras que vierem a sua boca. É perfeitamente normal não entender o que se diz, pois se está falando mistérios (I Co.14:2,14).
- VIII. A experiência do batismo no Espírito Santo varia de pessoa para pessoa, podendo ser emocionalmente muito impactante, ou bem tranquila.
- IX. A língua estranha que se recebe no batismo poderá ser usada sempre que se quiser (Judas 1:20; I Co.14:15). A mesma fé necessária para falar em línguas a primeira vez será necessária todas as vezes que se for falar em línguas.

LIÇÃO 4 - DEVOCIONAL

*“Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.”
(Mt.6:6)*

1.1. O que é devocional?

É a prática de separar um tempo do nosso dia para estar a sós com o Senhor para orar, meditar na Sua Palavra e louvá-lo.

“As palavras dos meus lábios [louvor e oração] e o meditar do meu coração [leitura bíblica] sejam agradáveis na tua presença, Senhor, rocha minha e redentor meu.” (Sl.19:14)

2. A importância do devocional

Jesus morreu na cruz para reconciliar o homem com Deus. Como está escrito: “tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo Jesus.” (II Co.5:18,19). Logo, a salvação é muito mais do que um simples “ingresso” para entrarmos no céu; antes, visa aproximar-nos de Deus e restaurar o nosso relacionamento com Ele.

Daí por que é tão importante separar um tempo, todos os dias, para orar, ler a Bíblia e louvar o Senhor. Não há outra forma de termos comunhão com Deus. Ora, sem comunhão, para que serve a conversão? Como está escrito: “Esta é a vida eterna: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.” (João 17:3).

Jesus, que era filho de Deus, não dispensou esta prática em sua vida. Às vezes, ele não tinha tempo para comer ou dormir, mas sempre achava tempo para estar com o Pai em oração. A Sua vida devocional era tão constante que os discípulos, impressionados, pediram-lhe que os ensinasse a orar (Lc.11:1).

As pessoas sempre encontram tempo para aquilo que julgam ser importante. Separar um horário para estar com o Senhor, portanto, não é uma questão de tempo, mas de escolha e de disciplina. J. Oswald Sanders expressou esta ideia assim: “Estamos tão perto de Deus quanto decidimos estar, não quanto desejamos estar”. A solução, portanto, não é ter tempo para o devocional, mas arranjar tempo.

O importante sobre o devocional é que ele tem um efeito cumulativo. Mesmo quando o céu parece de bronze e, aparentemente, nada está acontecendo, a verdade é que estamos semeando no céu e, no seu devido tempo, iremos colher aqui na terra (Mt.6:6; Hb.11:6).

3. Planejando o devocional

- I. **Um horário certo** – Este tempo a parte a sós Deus deve ser num horário em que podemos dar toda a nossa atenção a Ele. O importante é escolher um momento em que estejamos bem dispostos e sem pressa. Quanto ao tempo de duração, devemos pensar em, no mínimo, uma hora (Mc.14:37,38).
- II. **Um lugar apropriado** – O ideal é encontrar um lugar onde não haja distrações, nem interrupções para que possamos nos concentrar na Palavra de Deus, orar e louvar com liberdade. Jesus, frequentemente, fazia um esforço para ficar a sós com Deus num lugar tranquilo (Lc.6:12; 9:28).
- III. **Uma posição corporal correta** – Descubra uma posição que o mantenha confortável e alerta. Isto varia de pessoa para pessoa. Algumas pessoas preferem sentar-se, como o Rei Davi fazia, ou permanecer de pé, posição comum, tanto no Antigo, como no Novo Testamento. Outros acham que, enquanto caminham, ficam mais concentrados e mais acordados. Já há quem prefira ajoelhar-se diante do Senhor, em sinal de reverência.

4. O que fazer no horário devocional

- I. **Orar** – Orar é falar com o nosso Pai Celestial, é partilhar nossos pensamentos e sentimentos com Ele. Inclui: ações de graças (I Ts.5:18); petições (Fl.4:6,7); confissão de pecados (Sl.32:5); intercessão (I Tm.2:1,2) e falar em línguas (Ef.6:18).
Orar é simples, entretanto a maturidade na oração vem com o tempo e com a prática. Portanto, é preciso que sejamos pacientes e perseverantes, enquanto crescemos em nossa vida de oração.
Jesus nos deixou um modelo de oração em Mateus 6:9-13. Se seguirmos o Seu esboço, a nossa oração será variada e enriquecedora.
 - a. Louvor – inclui agradecer pelas bênçãos recebidas (v.9);
 - b. Intercessão – quando oro pelos outros (v.10);
 - c. Petição – quando oro por mim mesmo (v.11);
 - d. Confissão – dos pecados que eu cometi no dia (v.12);
 - e. Proteção – contra a tentação e o maligno (v.13).
- II. **Meditar na Palavra de Deus** – “Meditar” significa submeter-se a um exame interior ou refletir sobre algo. A Bíblia ensina que devemos meditar na Palavra de Deus, de dia e de noite (Js.1:8; Sl.1:1-3). Aqui estão algumas perguntas que podemos fazer durante a leitura bíblica:
 - a. Esta passagem me fala de algum pecado que devo abandonar?
 - b. Há nela algum ensino que devo praticar?
 - c. Há nela alguma promessa da qual devo me apropriar?
 - d. O que este texto me ensina acerca do Pai, do Filho ou do Espírito?Na nossa leitura diária, devemos começar lendo um capítulo do Antigo e um do Novo Testamento. Por exemplo: Gênesis e Mateus.
- III. **Louvar** – Louvar é elogiar ao Senhor por quem Ele é e por tudo que Ele tem feito (Sl.100:4). Deve ser expresso por meio de declarações e cânticos. Nem

sempre o louvor flui facilmente. Há ocasiões quando tudo parece estar dando errado em nossas vidas e não temos vontade de louvar. Mas é exatamente nestas ocasiões que o louvor é mais importante (Hc.3:17-19). Louvor em meio às dificuldades tem um aroma todo especial para Deus, pois só pode ser oferecido aqui na terra, já que no céu não há tristeza, nem dor.

“Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome.” (Hb.13:15)

5. A importância de se orar em línguas durante o devocional

Orar em línguas deve fazer parte do nosso devocional (Ef.6:18; Jd.20). Aliás, não só podemos orar em línguas, mas também cantar em línguas. “Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com a mente; cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente” (I Co.14:15).

Mas por que orar em línguas é importante?

“Porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos.” (Rm.8:26,27).

Sempre que orarmos em línguas, o Espírito Santo usará esta linguagem celestial para:

- I. Interceder por nós (Rm.8:26);
- II. Depositar novas revelações em nosso espírito (I Co.14:2);
- III. Fortalecer-nos (I Co.14:4);
- IV. Oferecer um perfeito louvor a Deus (I Co.14:17).

Com estes benefícios, não é de se admirar que Paulo tenha dito:

“Eu quisera que vós todos falásseis em outras línguas...” (I Co.14:5)

“Dou graças a Deus, porque falo em outras línguas mais do que todos vós.” (I Co.14:18).

LIÇÃO 5 - CONGREGAR

“Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns.” (Hb.10:25)

1. Somos a família de Deus

Deus quer uma família. Toda a Bíblia é a história de Deus formando uma família que irá amá-lo, honrá-lo e reinar com Ele para sempre. A Bíblia diz: “Em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, conforme o bom propósito da Sua vontade.” (Ef.1:5)

Quando colocamos nossa fé em Cristo, Deus se torna nosso Pai, nós nos tornamos Seus filhos e os outros crentes se tornam nossos irmãos e irmãs; a igreja é a nossa família espiritual. A família de Deus inclui todos os crentes do passado, do presente e do futuro.

Paulo expressa esta verdade da seguinte maneira: “Portanto, enquanto temos oportunidade, façamos o bem a todos, mas especialmente aos da família da fé.” (Gl.6:10).

2. A importância dos relacionamentos

Frequentemente, agimos como se os relacionamentos devessem ser espremidos em nossas agendas. Conversamos sobre arrumar um tempo para nossos filhos ou arranjar tempo para as pessoas que fazem parte da nossa vida. Isso dá a impressão de que os relacionamentos são apenas uma parte de nossa vida, juntamente com muitas outras tarefas. Mas Deus diz que a vida é feita de relacionamentos.

Quatro, dos Dez Mandamentos, versam sobre o nosso relacionamento com Deus; os outros seis, sobre o nosso relacionamento com as outras pessoas. Todos os dez são sobre relacionamentos! Jesus resumiu os dez mandamentos em duas instruções: amar a Deus e amar ao próximo.

“Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração [...] Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: Ame o seu próximo como a si mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.” (Mt.22:37-39).

Após aprender a amar a Deus (adoração), a segunda decisão mais importante que podemos tomar, é aprender a amar os irmãos (serviço).

As ocupações são grandes inimigos dos relacionamentos. Tornamo-nos preocupados com ganhar a vida, fazer o nosso trabalho, pagar as contas e cumprir

metas, como se essas tarefas fossem a razão de nossa vida. Elas não são! O objetivo da vida é aprender a amar a Deus e as pessoas.

Uma das formas pela qual Deus mede nossa maturidade espiritual é pela qualidade de nossos relacionamentos. No céu, Deus não dirá “Fale-me de sua carreira, de sua conta bancária e de seus passatempos”. Em vez disso, Ele vai querer saber se aprendemos a amar.

Não é o bastante dizer que relacionamentos são importantes; nós devemos provar isto investindo tempo neles. Palavras isoladas não detêm nenhum valor. “Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade.” (1 Jo.3:18). Relacionamentos exigem tempo e esforço, por isto a melhor maneira de soletrar amor é: t-e-m-p-o.³

3. Somos o corpo de cristo

Na família de Deus, estamos unidos uns aos outros como membros de um corpo. A Bíblia diz: “Em Cristo, nós, que somos muitos, formamos um corpo, e cada membro está ligado a todos os outros.” (Rm.12:5).

A igreja é um corpo, não um edifício de tijolos e cimento; um organismo vivo, não uma organização. Por isto, para Paulo, ser “membro” da igreja significava ser um órgão vital de um corpo vivo, uma parte indispensável do corpo de Cristo.

Para que os órgãos do nosso corpo cumpram o seu propósito, eles precisam estar conectados e bem vinculados. O mesmo ocorre conosco, como parte do corpo de Cristo. Cada um tem uma função específica para cumprir, mas não seremos capazes de fazê-lo se não estivermos comprometidos com uma igreja local.

“Assim como cada um de nós tem um corpo com muitos membros e esses membros não exercem todos a mesma função, assim também em Cristo nós, que somos muitos, formamos um corpo, e cada membro está ligado a todos os outros.” (Rm.12:4,5)

Se um órgão é, de alguma forma, desligado do corpo, ele definha e morre. Ele não pode existir por si mesmo, nem nós. Desligados do sangue vital da igreja local, nossa vida espiritual extingue e acaba por deixar de existir. É por isso que o primeiro sintoma de declínio espiritual é o comparecimento irregular aos cultos e às atividades da igreja.

Sempre que nos tornamos descuidados com a igreja, tudo o mais também começa a desmoronar.

³ Amar é uma habilidade que precisa ser desenvolvida, por isto não pode ser aprendida no isolamento, mas somente em comunidade.

4. A importância de congregar

Os valores de hoje, que advogam a independência e o individualismo, criaram muitos órfãos espirituais – crentes que ficam saltando de uma congregação para outra, sem filiação, sem responsabilidade ou compromisso. Muitos creem que é possível ser um “bom cristão”, sem frequentar uma igreja local. Mas Deus discorda. A Bíblia diz:

“Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns.” (Hb.10:25).

Seguem algumas razões para sermos ativos e comprometidos com uma congregação local:

A) Tira-nos do nosso isolamento egoísta

A igreja local é a sala de aula onde aprendemos a nos relacionar com a família de Deus. É o laboratório para a prática do altruísmo e do amor paciente. Como membros ativos, aprendemos a nos interessar pelos outros e a partilhar suas experiências. Somente pelo contato regular com crentes comuns e imperfeitos é que aprendemos as mutualidades e experimentamos a verdadeira comunhão.

B) Ajuda-nos a amadurecer

Jamais chegaremos à maturidade espiritual apenas comparecendo aos cultos de adoração como um espectador. Somente com a plena participação nas atividades da igreja local é que desenvolvemos nossos músculos espirituais.

“Na medida em que cada parte realiza o seu trabalho, ela coopera para o crescimento das outras partes, para que todo o corpo esteja saudável, crescendo e cheio de amor.” (Ef.4:16).

Pode parecer mais fácil ser espiritual quando não há mais ninguém por perto para frustrar nossas preferências, mas essa é uma espiritualidade falsa. É fácil nos enganarmos pensando sermos maduros, quando não há ninguém para nos contestar. A verdadeira maturidade se manifesta nos relacionamentos.

C) Dá-nos um destino

Deus tem uma função específica para cada um desempenhar na igreja local. Isso se chama “ministério” e Deus nos concedeu talentos para este fim.

“Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus.” (1 Pe.4:10).

A igreja local é o lugar que Deus planejou para descobrirmos, desenvolvermos e utilizarmos os nossos talentos e dons.

D) Impede-nos de cair.

Nenhum de nós está imune à tentação. Nas circunstâncias apropriadas, somos capazes de qualquer pecado. Deus sabe disso, então nos atribuiu individualmente a responsabilidade de mantermos uns aos outros no caminho certo. A prestação de contas e a confissão nos mantêm puros no meio de uma sociedade corrupta e pecaminosa.

“Encorajem-se uns aos outros todos os dias, de modo que nenhum de vocês seja endurecido pelo engano do pecado.” (Hb.3:13).

“Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados.” (Tg.5:16)

Outro benefício da igreja local é que ela proporciona a proteção espiritual de líderes devotos. Deus dá aos pastores a responsabilidade de proteger, defender e cuidar do bem-estar espiritual de seus fiéis.

Satanás quer manter os crentes afastados, desligados da vida no corpo, isolados da família de Deus e descomprometidos com a liderança da igreja, pois ele sabe que, assim, são completamente indefesos e impotentes contra suas estratégias.

5. Conclusão

A diferença entre visitar uma igreja e ser membro de uma igreja está no comprometimento. Visitantes são espectadores que ficam à parte; membros se envolvem no ministério. Visitantes consomem; membros contribuem. Visitantes querem os benefícios que a igreja traz, sem participar das responsabilidades.

A vida cristã é mais do que apenas um compromisso com Cristo; ela inclui compromisso com os outros cristãos. Tornar-se membro de uma igreja local é o passo que vem naturalmente após nos tornarmos filhos de Deus. Tornamo-nos cristãos ao nos comprometermos com Cristo, mas nos tornamos membros da Igreja ao nos comprometermos com uma congregação. A primeira decisão traz a salvação. A segunda, a comunhão.

LIÇÃO 6 - A CEIA DO SENHOR

“Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha.” (I Co.11:26).

1. Definição e história

A Ceia do Senhor é uma das duas ordenanças ou sacramentos da Igreja (a outra é o batismo nas águas) e foi instituída pelo Senhor na véspera de Sua morte (Mt.26:26-29; I Co.11:23-30). Quando Jesus compartilhou do pão e do vinho com Seus discípulos, naquela noite, Ele estava fazendo uma nova aliança com eles.

Não foi por acaso que a Ceia do Senhor foi instituída na Páscoa.⁴ O Êxodo dos israelitas é uma metáfora histórica da nossa própria redenção: o Egito representa a escravidão do pecado e o mundo (Rm.6:17,18); o cordeiro, Jesus (Jo.1:29); o sangue aspergido nos umbrais das portas, o Seu sangue derramado na cruz pelos nossos pecados (I Pe.1:18-20); os pães sem fermento, a nossa santificação (I Co.5:8).

A Ceia do Senhor, desde o seu início, sempre foi muito preciosa para a Igreja (At.2:42,46). Os cristãos primitivos celebravam, juntamente com a Ceia, uma festa de amor. Nesta festa, havia uma refeição comunitária, envio e recebimento de correspondência de outras igrejas locais e uma coleta em dinheiro para viúvas e órfãos (I Co.11:20-22).

2. O seu significado

Foi em Cafarnaum, cerca de um ano antes da Sua crucificação, que Jesus proferiu o Seu mais completo ensinamento a respeito da Sua morte (Jo.6:31-35,48-59). Ele afirmou Ser o pão que desceu do céu para a salvação das nações e que era absolutamente necessário que cada um comesse a Sua carne e bebesse o Seu sangue para receber e conservar a vida eterna. Vê-se logo a clara relação entre aquelas Suas palavras e a Ceia do Senhor, instituída na Páscoa.

A ideia fundamental desta ordenação acha-se nestas palavras de Jesus: “anunciais a morte do Senhor, até que ele venha.” (I Co.11:26). Portanto, cada vez que um grupo de cristãos se reúne para celebrar a Ceia do Senhor, está lembrando, de um modo especial, a morte e a ressurreição de Jesus, bem como a promessa de que um dia Ele voltará para buscar a Sua igreja e estabelecer o Seu reino na terra.

⁴ A Páscoa (“*Pessach*”, no hebraico) é uma festa judaica instituída por Deus para o Seu povo recordar a libertação da escravidão do Egito (Ex.12:1-15).

A Ceia também é uma declaração da nossa união com Cristo, pois, ao comermos do pão e bebermos do vinho, identificamo-nos com a Sua morte e ressurreição, semelhante ao batismo nas águas (I Co.10:16).

Por fim, a Ceia fala da nossa comunhão uns com os outros, pois, quando a tomamos juntos, declaramos que estamos unidos e integrados com o Corpo de Cristo, que é a Sua igreja (I Co.10:17).

3. O que representa o pão?

O pão representa o corpo de Cristo, que foi oferecido por nós (I Co.11:23,24).

A Bíblia nos ensina que, no Seu corpo, Jesus levou não somente os nossos **pecados**, mas também as nossas **maldições** e as nossas **enfermidades** (I Pe. 2:24; Gl.3:13,14; Is.53:4,5).

4. O que representa o vinho?

O vinho representa o sangue de Cristo que foi derramado por nós (I Co.11:25).

A Bíblia nos ensina que o sangue de Jesus não somente nos purifica de todo **pecado**, mas também serve de proteção contra os **ataques** e **acusações** de Satanás (Mt.26:27,28; Êx.12:13; Ap.12:10,11).

5. Cuidados ao tomar a ceia

Paulo fala sobre o perigo de comer o pão e beber o cálice do Senhor indignamente. O que isto quer dizer? Significa participar da Santa Ceia com pecado não confessado. Isto pode resultar em juízo. Por isso, todo homem deve se examinar, confessando seus pecados antes de tomar a Ceia (I Co.11:27-30)

Paulo também fala sobre comer o pão e beber o cálice sem discernir o Corpo. Isto acontece quando se participa da Ceia sem ser batizado, ou estando de mal com algum irmão. Isto também pode trazer juízo. Daí por que quem não é batizado não deve participar da ceia, e quem é batizado deve perdoar aquele que o ofendeu, ou pedir perdão, se for o causador da ofensa, antes de tomar a Ceia (I Co.12:13; Mt.5:23,24; Tg.5:16).

6. Como devemos celebrar a ceia?

A Bíblia não diz que a ceia só pode ser celebrada uma vez por mês, nem que um pastor tem que presidi-la. Muito pelo contrário, as Escrituras dão a entender que a ceia era celebrada diariamente nas casas dos irmãos (At.2:46).

Sendo assim, é possível tomarmos a ceia quantas vezes quisermos e em qualquer lugar onde estivermos. Podemos fazê-lo sozinhos, com a nossa família, ou reunidos com outros irmãos.

Nunca esqueça: não se trata de um ritual, mas de uma experiência espiritual com aquele que nos comprou com Seu precioso sangue.

“Quem come a minha carne, e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Assim como o Pai que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim também quem de mim se alimenta, viverá por mim.” (Jo.6:56,57)

LIÇÃO 7 - DÍZIMOS E OFERTAS

“Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa.” (Ml.3:10)

1. Conceito e origem

A palavra dízimo significa “a décima parte”. Dizimar, portanto, é a prática de pôr de lado e dedicar a Deus dez por cento da nossa renda. O dízimo tem como finalidade sustentar obreiros e socorrer órfãos e viúvas.

O costume de dizimar não se originou na Lei de Moisés, mas já era conhecido desde os dias de Abraão, isto é, trezentos anos antes da Lei (Gn.14:20. 28:22). Na verdade, era uma prática religiosa comum entre os povos do oriente médio, assim como os sacrifícios.

2. O dízimo e a Lei

O dízimo foi incluído na Lei de Moisés como um **tributo** em favor dos levitas (clero) e dos pobres. Com isso, recebeu a finalidade social de sustento para aqueles que ministravam ao Senhor em tempo integral (Nm.18:21, 24-28) e de ajuda financeira para os pobres (Dt.26:10-13).

Por duas vezes, Deus teve que chamar a atenção dos cidadãos de Israel por negligenciarem este dever religioso e social. A primeira vez foi por intermédio de Neemias (Ne.13:10-12). A segunda, pelo profeta Malaquias, no já célebre texto citado por todos que procuram fundamentar a prática do dizimar (Ml.3:7-11).

A “Lei dos Dízimos” foi revogada em Cristo Jesus, porque **“o fim da lei é Cristo”** (Rm.10:4). Não, porém, o princípio por trás do dízimo, que o fez migrar para a dispensação da graça como uma contraprestação pelo serviço religioso prestado (I Co.9:11-14; Gl.6:6). Todavia, não se trata de salário, mas de honorários, pois o pastor não é empregado da igreja, mas um servo do Senhor (I Tm.5:17).

3. Distinção entre dízimo e oferta

A) Ofertar

É o ato de contribuir voluntariamente e segundo a prosperidade de cada um para a manutenção da igreja e o suprimento de eventuais necessidades (Êx.25:2,8). Trata-se de uma **doação**, podendo ser pecuniária (dinheiro), patrimonial (bens) ou serviços. Sabemos que, pelo menos desde os tempos de Justino Mártir (100 a 167 d.C), eram recebidas contribuições nas reuniões dos cristãos, no primeiro dia da semana. É provável que a referência que temos em I **Coríntios 16:2** indique a

mesma prática, embora este versículo esteja vinculado a uma circunstância especial.

É das ofertas que Paulo está falando em **II Coríntios, capítulos 8 e 9**. Portanto é aqui que devemos procurar o ensinamento apostólico quanto à finalidade delas. Segundo Paulo:

- I. Servem para socorrer os irmãos nas suas necessidades (8:4; 9:1,12);
- II. Deve-se contribuir segundo as nossas posses (8:11,12);
- III. Visa igualdade entre os irmãos da igreja (8:13-15);
- IV. É uma expressão da nossa generosidade e amor (9:5-7).

B) Dizimar

- I. Por outro lado, é o ato de contribuir com um percentual (10%) da nossa renda de forma regular e periódica para o sustento dos obreiros de tempo integral e para socorro aos órfãos e viúvas que estão sob a responsabilidade da Igreja (Pv.3:9).
- II. É do dízimo que Paulo está falando em **I Coríntios, capítulo 9**. Portanto, é aqui que devemos procurar o ensinamento apostólico quanto à finalidade dele. Segundo Paulo:
- III. Aqueles têm um chamado de Deus para se dedicarem exclusivamente ao Evangelho **têm “o direito de deixar de trabalhar”** (9:6);
- IV. Todavia, não às suas próprias custas, “[porque] quem jamais vai à guerra à sua própria custa? Quem planta a vinha e não come do seu fruto? Ou quem apascenta um rebanho e não se alimenta do leite do rebanho?” (9:7).
- V. Paulo, nos versículos 8-13, apela para o princípio que estava por trás da lei dos dízimos: **“Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito recolhemos de vós bens materiais?”** (9:11). Leia também Rm.15:27; Gl.6:6; Ne.13:10-13.
- VI. A casta sacerdotal foi abolida na dispensação da graça, mas não o princípio do sustento que mantinha este ofício, pois ele é perfeitamente aplicável à Igreja, como Paulo mesmo diz:

“Não sabeis vós que os que prestam serviços sagrados, do próprio templo se alimentam; e quem serve ao altar, do altar tira o seu sustento? Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho, que vivam do evangelho.” (9:13,14).

- VII. Quanto aos órfãos e às viúvas, ou seja, às famílias necessitadas no meio da Igreja, aprendemos que, desde o início, tinham participação na distribuição dos dízimos (At.6:1-3; I Tm.5:3-16). Sabemos que se tratava de dízimos em razão da necessidade que havia de periodicidade e regularidade quanto a estes recursos, o que nem sempre ocorria com as ofertas.

4. O princípio da generosidade

Dar é fundamental no Cristianismo. Muitos cristãos sinceros caem na escravidão da pobreza porque ainda não compreenderam o princípio espiritual da generosidade. Precisamos aprender que a nossa maior arma em tempos de dificuldade econômica é a nossa generosidade. O primeiro passo para a cura financeira é dar.

No entanto, alguns, por estarem endividados, acham que não têm condições de dar o dízimo. Mas isso é exatamente o que não deveriam fazer: deixar de dá-lo! De modo geral, o que precisamos não é aumentar a nossa receita, mas ter o devorador repreendido em nossas vidas. O Senhor promete não apenas repreender o devorador, mas também abrir as janelas dos céus, quando somos fieis (Ml.3:8-12). Este texto de Malaquias é o único na Bíblia onde Deus pede que façamos prova d'Ele. Ninguém que haja dado fielmente o dízimo ficará sem experimentar a fidelidade do Senhor.

O uso que o indivíduo faz com seu dinheiro é, com frequência, um termômetro da sua espiritualidade e também revela onde está o seu coração (I Jo.3:17,18; Mt.6:19-24). Quando dizimamos, afirmamos que reconhecemos que tudo o que temos vem do Senhor e que confiamos n'Ele para nosso suprimento e não em nós mesmos ou no nosso trabalho (I Cr.29:14-16; Fl.4:19; Dt.8:11-14,17,18). Deus não precisa do nosso dinheiro. O mundo todo lhe pertence (Ag.2:8; Sl.24:1). Dizimar visa o nosso bem, não o d'Ele. Nossas desculpas apenas ferem a nós mesmos.

A Bíblia é clara quanto ao lugar onde entregar o dízimo: na **"casa do tesouro"**, ou seja, na igreja. No entanto, alguns julgam que não podem confiar nos líderes da sua igreja com respeito ao dinheiro. Ora, se não podem confiar nos seus líderes com relação ao dinheiro, serão tolos em confiar neles quanto às suas almas. Nossa responsabilidade é obedecer, deixando o Senhor lidar com os que são irresponsáveis.

A maior parte dos dízimos e das ofertas deveria ser encaminhada para o sustento de obreiros que se dedicam em tempo integral para a igreja e também para ajudar os necessitados. Uma quantia generosa deveria ser encaminhada à obra missionária em outros países, pois Deus abençoa ricamente a igreja que tem visão missionária.

5. O princípio da sementeira

Encontramos um princípio em II Coríntios, capítulo 9, que se costuma chamar de "princípio da sementeira". Paulo o explica da seguinte maneira:

"Aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura, com abundância também ceifará. (...) Ora, aquele que dá semente ao que semeia e pão para alimento também suprirá e aumentará os frutos da vossa justiça; enriquecendo-vos em tudo para toda a generosidade." (II Co.9:6, 10,11).

Ao analisarmos este texto, descobrimos que:

- I. A bênção é sempre proporcional à nossa generosidade;
- II. Tudo que recebemos de Deus se classifica como **semente** ou como **pão**. A semente é para semear (contribuição), e o pão é para consumir (uso próprio). Se consumirmos a semente juntamente com o pão, sofreremos prejuízo. Como disse Salomão:

“A quem dá liberalmente ainda se lhe acrescenta mais e mais, ao que retém mais do que é justo, ser-lhe-á em pura perda. A alma generosa prosperará, e quem dá a beber será dessedentado.” (Pv.11:24,25).

- III. A bênção material visa, primeiramente, suprir as nossas necessidades pessoais e, depois, as necessidades alheias, mas jamais a satisfação da nossa ganância ou cobiça. Quem busca enriquecer, corre o perigo de se tornar servo de Mamom (Mt.6:24; I Tm.6: 6-10).

LIÇÃO 8 - CERIMÔNIAS E PRÁTICAS CRISTÃS

“Eu os elogio por se lembrarem de mim em tudo, e por reterem as tradições assim como eu as transmiti a vocês.” (1 Co.11:2)

1. Apresentação de crianças

O batismo infantil está baseado em uma teoria de Agostinho sobre o pecado original, e não na Palavra de Deus. Ele cria que o batismo tinha poder para salvação; logo, a criança que nascia devia ser batizada para eliminar o pecado original e assim garantir a sua salvação. A Bíblia, no entanto, é bem clara quando diz que a salvação depende de uma fé consciente e pessoal (Mc.16:16).

Por outro lado, segundo o exemplo de Jesus, podemos abençoar as criancinhas. Portanto, tornou-se tradição no meio evangélico apresentar os recém-nascidos para a igreja e abençoá-los juntamente com os pais.

“Então lhe trouxeram algumas crianças para que lhes impusesse as mãos, e orasse; mas os discípulos os repreenderam. Jesus, porém, disse: Deixai as crianças e não as impeçais de virem a mim, porque dos tais é o reino dos céus. E, depois de lhes impor as mãos, partiu dali.” (Mt.19:13-15)

2. O matrimônio

O matrimônio surgiu de uma necessidade básica de companheirismo e foi instituído por Deus (Gn.2:18; Sl.68:6). Logo, não basta duas pessoas se amarem e decidirem viver juntas, é preciso se casar. Eis as razões por quê:

- I. O matrimônio é um mandamento do Senhor. A Bíblia ensina que, se um homem e uma mulher querem viver juntos, devem se casar (Mt.19:3-6; Hb.13:4).
- II. Por uma questão de moralidade. O sexo fora do casamento é considerado nas Escrituras como imoralidade sexual (fornicação) e é condenado por Deus (1 Co.6:18-20; 7:1,2,8,9).
- III. Por motivo de consciência. Cada sociedade estabelece ritos ou formalidades para legitimar a família. Como cristãos, a nossa justiça (retidão) deve exceder em muito a do homem médio e nunca servirmos de escândalo (Mt.5:20; At. 24:16; Hb.13:18).
- IV. Para legitimar a união perante Deus. O casamento é uma aliança feita entre um homem e uma mulher perante Deus, tendo Ele como testemunha (Mt.2:13-15). Sem matrimônio, não há aliança.
- V. Tipifica a aliança de Jesus com a igreja. O casamento ilustra o compromisso que Jesus estabeleceu com a igreja, que é a Sua noiva (Ap.19:7,8).

3. O ato fúnebre

Mesmo os cristãos estão sujeitos à morte porque seus corpos continuam mortais (Rm.8:10,23). Todavia, para o crente, a morte não é vista como um fim em si mesmo, mas como o meio para se encontrar com Jesus face a face (II Co.5:6-9; Ap.14:13).

Jesus se importa em consolar o ser humano no momento da perda de um ente querido. Se assim não fosse, ele não permitiria que se preocupassem tanto com a preparação do seu corpo, nem teria se compadecido com a morte de Lázaro (Jo.11:33-38). Da mesma forma, devemos ter compaixão uns dos outros, trazendo sempre uma mensagem de conforto, paz e esperança na hora da morte.

4. A imposição de mãos

Entre os fundamentos do ensino de Cristo, está a imposição de mãos (Hb.6:1,2). A imposição de mãos é anterior a Moisés e tinha o caráter de transferir bênção (Gn.48:8-12). Todavia, foi com Moisés que esta prática foi institucionalizada, passando a fazer parte do ritual judaico. A sua importância espiritual se fazia sentir no “Yom Kippur” (Dia da Expição), quando o sumo sacerdote, ao impor as mãos sobre o bode expiatório, transferia os pecados do povo de Israel para o animal (Lv.16:21).

No Novo Testamento, a imposição de mãos é usada para:

- I. O batismo no Espírito Santo (At.8:14-19);
- II. A cura de enfermos (Mc.16:17,18);
- III. A consagração para algum ministério (I Tm.4:14);
- IV. Para conferir as bênçãos de Deus (Lc.24:50; Mt.19:15).

5. A unção com óleo:

“Ungir”, no grego, é *chrío* e significa “aplicar óleo ou azeite” (Êx.30:22-33; II Co.1:21). Nas Escrituras, este ato tem um significado simbólico, referindo-se ao poder do Espírito Santo (Lc.4:18,19 Jo.14:26; I Jo.2:27).

Na Bíblia, o óleo da unção era usado para:

- I. Separar alguém para determinado ministério (Lv.8:12; Sl.89:20);
- II. Curar os enfermos (Mc.6:13; Tg.5:14);
- III. Consagrar objetos ao Senhor (Lv.8:10).

6. A oração antes das refeições

Antigamente, era uma prática muito comum orar antes das refeições, mas hoje é cada vez mais raro ver as pessoas fazerem isto. Há, inclusive, certo constrangimento, como se estivéssemos fazendo algo esquisito ou antiquado. Todavia, trata-se de uma prática ensinada por Jesus (Mt.14:19; 26,26,27).

Oramos antes das refeições por três motivos:

- I. Para agradecer pelo suprimento de Deus (I Tm.4:4);
- II. Para que a comida seja purificada de qualquer impureza, ou contaminação (I Tm.4:5; Mc.16:18);
- III. Para que a nossa mesa seja abençoada e nunca nos falte o pão (Mt.14:19-21; I Rs.17:14,15).

7. O jejum

Jejuar é a prática de abster-se, voluntariamente, da comida durante um período de tempo, visando consagração e resposta de oração. Trata-se de uma fraqueza voluntária.

Por definição, jejuar é abster-se de alimentos. Todavia, pode ser entendido como abstenção de qualquer atividade lícita por motivos espirituais, como, por exemplo, o ato sexual (I Co.7:5). Neste sentido lato, pode também ser de certas atividades (como assistir TV) ou de certos alimentos (como pão ou refrigerante).

Pode ser praticada de forma individual ou coletiva (At.13:1,2).

O jejum frequentemente é considerado uma disciplina opcional. **Mas, na verdade,** faz parte da vida cristã normal. Jesus disse: "Quando jejuardes" e não "se jejuardes", implicando que deve ocorrer no curso normal da vida de um discípulo (Mt 6:17).

Jesus enfatizou que o Pai recompensará o jejum (Mt 6:18). As recompensas superam as dificuldades desta disciplina. Algumas das recompensas são *externas*, quando nossas circunstâncias são mudadas pelo poder de Deus. Outras são *internas*, quando nossos corações se tornam mais sensíveis a Deus.

Três perguntas comuns sobre o jejum:

- I. Com que frequência se deve jejuar? Deve haver uma habitualidade. Uma vez por semana é recomendável.
- II. Qual deve ser a duração de um jejum? Depende do tipo de abstenção (alimentos, sono, relações sexuais, falar, convívio, etc.). Deve-se sempre seguir o bom senso e a prudência.
- III. Como funciona o jejum?
 - a. Pode ser parcial (apenas de certos alimentos) ou total (todo alimento sólido). Não é comum o jejum de sólidos e líquidos;
 - b. Pode ser de uma ou mais refeições e durar um ou mais dias. Na Bíblia, encontramos jejuans de 1 dia, 3 dias, 21 dias e 40 dias;
 - c. O jejum oriental (judeus e árabes) costuma ser das 18h de um dia até às 18h do outro dia.

O objetivo do jejum:

- I. É uma forma concentrada de oração (Jr.14:10,12; Dn.10:2,3,12);
- II. É uma forma de se consagrar ao Senhor (At.13:1,2);

- III. É uma forma de se humilhar perante o Senhor (Sl.35:13; Esdras 8:21);
- IV. É uma forma de sujeitar a carne e fortalecer o espírito (Fl.3:18,19; I Co.9:27);
- V. É uma forma de tornar nossos corações mais sensíveis a Deus (Mt.9:14,15).

8. As vigílias

A palavra “vigília” (do latim *vigiliae*, permanecer acordado) refere-se à oração noturna. Originalmente, era aplicada às vigílias noturnas dos soldados romanos. À noite se dividia em quatro vigílias de três horas:

- I. Primeira Vigília (tarde): das 18 às 21 horas;
- II. Segunda Vigília (meia-noite): das 21 às 24 horas;
- III. Terceira Vigília (cantar do galo): das 24 às 3 horas;
- IV. Quarta Vigília (manhã): das 3 às 6 horas.

Jesus faz menção destas quatro vigílias ao falar da Sua segunda vinda:

*“Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o dono da casa: se à **tarde**, se à **meia-noite**, se ao **cantar do galo**, se pela **manhã**; para que vindo ele, inesperadamente, não vos ache dormindo. O que, porém, vos digo, digo a todos; vigiai!” (Mc.13:35-37).*

Por causa desta palavra de Jesus (e outras semelhantes – Mc.14:34-38), a Igreja, nos primeiros séculos, considerava como parte normal da vida cristã ter vigílias de oração (II Co.6:5). Essas vigílias tinham o propósito de oferecer a Deus um “sacrifício contínuo” de louvor e oração. Eram normalmente coletivas (Sl.134:1,2; Is.62:6,7), mas também podiam ser individuais. Aliás, era consenso geral que o cristão deveria buscar o Senhor nas horas da noite (Sl.42:8; 63:6; 119:62,147,148). As vigílias muitas vezes eram divididas em turnos, à semelhança das vigílias das sentinelas romanas.

Quando fazemos o sacrifício de buscar a Deus nas horas da noite, temos maior autoridade naquilo que pedimos e declaramos. Deus deseja levantar um povo que faça brilhar a Sua luz nas altas horas da noite (Lc.21:36; Ef.6:18).

LIÇÃO 9 - EVANGELIZAÇÃO

*“Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas. Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado.”
(Mc.16:15).*

1. O que é o evangelho

A palavra “evangelho” é uma transliteração da palavra grega *euaggélion* e significa, literalmente, “boas novas” e se refere à salvação que vem por meio de Jesus Cristo (I Co.15:1-4). “Evangelizar” é proclamar estas boas novas às pessoas que ainda não tiveram uma experiência com Jesus (Rm.15:20,21).

2. A importância da evangelização

O homem que não se rende à mensagem da cruz está condenado a passar a eternidade separado de Deus num lugar de grande tormento chamado Inferno (Jo.3:18,19; II Ts.6-9; Ap.20:13-15). A vontade de Deus, no entanto, é que nenhum se perca, mas que todos tenham a vida eterna (II Pe.3:9). Todavia, se não há quem anuncie o Evangelho, os homens jamais chegarão ao conhecimento da verdade (Rm.10:13-15).

“Multiplicai-vos e enchei a terra” é uma lei da natureza que Deus criou para que as espécies se perpetuassem sobre a face da terra. A mesma lei se aplica ao mundo espiritual. Só que, enquanto no mundo natural a procriação vem por meio do acasalamento, no mundo espiritual ela vem pela evangelização. Se a Igreja parasse de evangelizar, em duas ou três gerações não haveria mais cristãos na terra.

3. Uma missão para todos

Evangelizar é uma missão que cabe a todos os cristãos e não somente a alguns, pois somos todos embaixadores do Reino de Deus (II Co.5:18-20). Aliás, o principal motivo do batismo no Espírito Santo é capacitar os crentes para estes evangelizarem com ousadia e poder (At.1:8; I Pe.1:12).

Entretanto, evangelizar é muito mais do que uma obrigação que cumprimos para descarga de consciência. É um modo de vida e deve ser tão natural quanto a própria procriação. Não precisamos separar um dia ou um horário para falar de Jesus.⁵ Isto deve acontecer naturalmente no nosso dia a dia ao entrarmos em contato com as pessoas que estão no mundo.

⁵ Isto não quer dizer que a evangelização planejada (“outreach”, em inglês) não seja válida e, inclusive, bíblica, pois este era o ministério de Paulo. Mas ela não pode substituir o evangelismo pessoal.

A Bíblia diz que “a boca fala do que está cheio o coração” (Lc.6:45). Logo, se o meu coração está “cheio” de Jesus, sempre o incluirei nas minhas conversas, não importa com quem eu estiver conversando (crente ou incrédulo). Lucas relata: “Os que haviam sido dispersos pregavam a palavra por onde quer que fossem.” (At.8:4)

Não são palavras bonitas e eloquentes, nem argumentos inteligentes que levarão as pessoas a Cristo, mas tão-somente a mensagem simples do Evangelho, que traz em si mesma uma unção de convicção de pecado que apela para o coração (I Co.2:1,2; Jó 36:8-12).

4. As três etapas da evangelização

As três etapas de uma evangelização eficaz:

- I. **Sondar** – lançamos uma palavra referente ao Evangelho para verificar se a pessoa está receptiva. Se ela demonstrar falta de interesse, não prosseguimos. Todavia, se ela for receptiva, passamos para a etapa seguinte;
- II. **Testemunhar** – limita-se ao testemunho pessoal daquilo que Jesus tem feito em nossas vidas. Se a pessoa ainda continua interessada, prosseguimos para a última etapa;
- III. **Proclamar** – é nesta etapa que anunciamos o Evangelho.⁶

Caso a pessoa decida por Cristo, segue, abaixo, uma oração de arrependimento e entrega, que a pessoa pode repetir:

“Deus, eu reconheço que sou pecador e que preciso de salvação. Arrependo-me de ter vivido a minha vida longe de Ti. No entanto, reconheço que as minhas boas obras e boas intenções não são suficientes para eu entrar no céu. Por isso, eu recebo o perdão que vem pelo sangue derramado na cruz. Eu creio que a morte e a ressurreição de Jesus foram suficientes para me absolverem de todos os meus pecados. Renuncio às trevas e ao mundo e confesso que Jesus Cristo é o Filho de Deus e meu Salvador e Senhor. Obrigado pelo teu perdão. Amém.”

5. Evangelizar nunca é em vão

A Bíblia ensina que a conversão é um processo (I Co.3:6-9). Ela pode ser comparada a agricultura, que é composta de quatro fases:

- I. Primeiro a terra é arada;
- II. Depois vem a semeadura;
- III. O solo então é regado;
- IV. Por fim, vem a colheita.

⁶ Não é demais repetir que o Evangelho é a mensagem da cruz, isto é, que somos pecadores e precisamos de um salvador e não um evangelho humanista centrado na necessidade do homem.

Quando anunciamos o evangelho para alguém, nunca sabemos em que fase deste processo ela está. Talvez estejamos dando início ao processo, arando o solo duro de um coração incrédulo ou, então, regando onde outro já semeou. Portanto, mesmo não havendo um resultado positivo aparente, isto não quer dizer que nada aconteceu. Se, porventura, a pessoa se converter com o nosso testemunho, é bem provável que estejamos colhendo onde outro já semeou (Jo.4:38). Por isto, nunca é vão proclamarmos o evangelho (II Tm.4:2).

Infelizmente, nem todos aceitarão o Evangelho (Rm.10:16; Jo.3:17-19). Mas há aqueles em cujos corações o Espírito Santo está trabalhando já faz algum tempo e que só estão esperando que alguém lhes fale de Jesus para entregarem as suas vidas para Ele. Estes, serão encontros divinamente preparados pelo Senhor que podem acontecer em qualquer tempo e lugar. Neste sentido, a evangelização é uma verdadeira caça ao tesouro – onde as vidas são o tesouro e a recompensa (Mt.13:44; Is.53:11,12).

6. Evangelizando no poder do espírito santo

Devemos evangelizar, porém, no poder do Espírito Santo (Mc.16:20; Mc.16:17,18; Rm.15:18,19; I Co.2:4,5; I Ts.1:5). Tanto a comunicação em massa, quanto a comunicação individual do Evangelho só trarão resultados positivos se o coração do homem, e não a sua mente, for alcançado pela mensagem (Mt.11:25; Jo.6:45; At.2:37,38; 16:13,14). Sem o poder de Deus para trazer convicção de pecado e fé na obra da cruz, somente cumprimos uma tarefa sem alcançar o nosso objetivo de ganhar almas.

A oração é a ferramenta que libera o poder do Espírito Santo para salvar (At.4:23-31). As pessoas podem rejeitar a nossa mensagem porque amam o mundo (Jo.3:19,20) ou porque estão no engano (II Co.4:3,4). Todavia, por meio da oração podemos destruir as fortalezas erguidas nas mentes das pessoas, levando cativo o pensamento à obediência de Cristo (II Co.10:3-5).

Segue um modelo de oração:

“Pai, em nome de teu Filho Jesus, venho contra as fortalezas que Satanás construiu na mente de [use o nome da pessoa]. Destruo estas fortalezas e toda altivez nesta mente que se exalta contra o conhecimento de Deus. Liberto esta mente à obediência de Cristo, para que ela seja reconciliada Contigo. Peço que despertes nela sede e fome de Ti, convencendo-a do pecado, da justiça e do juízo. Muito obrigado. Amém.”

LIÇÃO 10 - MUDANDO A NOSSA MANEIRA DE PENSAR

“Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação de sua mente” (Rm.12:2)

1. Tudo começa com deus

A razão da nossa existência é muito maior que nossa realização pessoal, ou mesmo felicidade. É muito maior que nossa família, nossa carreira ou mesmo nossos mais ambiciosos sonhos e aspirações. Se queremos saber por que fomos colocados neste planeta, devemos começar com Deus, nosso Criador. Existimos para cumprir os propósitos *d’Ele* e não os nossos. Enquanto não compreendermos isto, a vida jamais terá sentido. É somente em Deus que descobrimos a nossa origem, identidade, razão de existir e destino. Todos os outros caminhos levam a um vida de frustração.

Mas como descobrir o propósito para o qual Deus nos criou? Temos duas opções. A primeira é a especulação. Essa é a opção escolhida pela maioria das pessoas. Elas conjecturam, supõem, teorizam. Por milhares de anos, filósofos têm discutido e ponderado sobre o significado da vida. A filosofia tem sua utilidade, mas quando se trata de determinar a razão da vida, mesmo o mais sábio dos filósofos está apenas especulando.

2. As sagradas escrituras

Felizmente, há uma alternativa à especulação. Trata-se da **revelação**. Podemos nos voltar para o que Deus revelou sobre a vida em Sua Palavra. O modo mais fácil de descobrir o propósito de uma invenção é perguntando ao inventor. Descobrir o propósito da vida funciona da mesma forma. Deus não nos deixou às cegas, para ficarmos conjecturando. Ele nos deu a Bíblia Sagrada. Este livro é o nosso “manual do fabricante” que explica por que estamos vivos, como a vida funciona e o que esperar do futuro. Somente ela é capaz de esclarecer questões da vida que nenhum livro de autoajuda ou de filosofia pode fazer⁷.

A Bíblia não é apenas um código de normas morais ou uma compilação de relatos históricos, filosóficos e poéticos. Ela é a maneira que Deus escolheu para revelar a Si mesmo à humanidade, bem como o Seu propósito para a criação. Se quisermos saber quem Deus é, qual o sentido da vida e o que está por vir, precisamos ler a Bíblia. Devemos julgar e determinar o que é certo e errado, o que é santo e profano, baseando-nos apenas na Palavra de Deus e não nas opiniões dos homens.

⁷ Os três primeiros parágrafos desta lição são um resumo adaptado do Dia 1 do livro “Uma Vida Com Propósito” de Rick Warren

3. A Bíblia – agente de mudança e transformação

Fomos educados para vivermos uma vida independente de Deus. Até a nossa conversão, não tínhamos uma real consciência da existência de Deus, nem conhecimento da Sua vontade. Enquanto isto, ao nosso redor, os homens têm organizado as suas vidas de maneira tal que dão a entender que Deus não existe ou que, pelo menos, pode-se ignorá-lo (Jó 21:14,15; Sl.10:3,4). Estes fatos nos levam a agir de acordo com a mentalidade deste mundo e a tomar decisões baseadas na nossa própria experiência, e não segundo a vontade de Deus (Ef.2:1-3; I Co.2:14).

Não podemos mais nos conformar com esta maneira de viver. Precisamos substituir os valores deste mundo pelos valores de Deus. Por isto, tem que haver uma mudança em nossos conceitos sobre Deus, o mundo e a vida. Estes novos conceitos são encontrados na Bíblia (I Co.2:13).

4. A Bíblia contestada

No entanto, vivemos numa época em que os homens têm atacado a Bíblia, tanto dentro como fora da igreja. Por isso, precisamos reafirmar o que os antigos conselhos da igreja estabeleceram. Há centenas de anos, os líderes da igreja reuniram-se para tratarem de certos problemas que estavam destruindo a fé e a prática cristã. A **Confissão de Westminster** é resultado de um destes conselhos. Baseada em Atos 17:10,11, ela nos fornece três declarações importantíssimas que servem de diretriz para todo aquele que busca e zela pela verdade. São elas:

- I. Nada contrário às Escrituras pode ser verdadeiro;
- II. Nada que seja acrescentado às Escrituras pode ser obrigatório;
- III. Todos os crentes são responsáveis diante de Deus para estudarem as Escrituras a fim de verificar se o que está sendo dito pelos líderes da igreja é verdadeiro.

5. Alinhando os nossos pensamentos com as escrituras

Não é suficiente apenas *conhecer* as Escrituras. Precisamos *adequar* os nossos pensamentos a elas. Por vivermos num mundo humanista e secularizado, a estrutura do nosso pensamento é contrária à de Deus, por isso a nossa tendência natural, quando lemos a Bíblia, é a de interpretá-la de acordo com os nossos preconceitos (Is.55:8,9; I Co.2:12-14). Isto resulta na tentativa de ajustar Deus aos nossos valores, experiências e tradições. É essencial que entendamos que a Bíblia contém os pensamentos de Deus. Portanto, é imprescindível que tomemos as passagens das Escrituras e alinhemos os nossos pensamentos a elas. Só assim teremos a mente de Cristo (I Co.2:16). Precisamos aprender a penetrar na mente de Deus pela Sua Palavra, que é revelada pelo Espírito Santo.

6. Sendo ensinável

O Espírito de Deus só pode ensinar aqueles que são ensináveis. O conhecimento intelectual, muitas vezes, traz consigo o germe da arrogância espiritual (I Co.8:1-3). Por isso, Jesus declarou que os iletrados (que não têm conhecimento literário), e não os eruditos (acadêmicos) teriam maior chance de entender a Bíblia (Mt.11:25).

Ser ensinável é uma das qualidades básicas da humildade. A pessoa que é arrogante e orgulhosa não se deixa ensinar, pois pensa que já sabe tudo. Era sobre isto que Jesus estava falando quando disse: “Se não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus.” (Mt.18:31). A maior qualidade de uma criança é o fato de ela ser suscetível ao ensino.

Jesus não pôde ensinar os fariseus porque eles achavam que já sabiam tudo, que não havia mais nada para aprender. Por isto, precisamos manter uma atitude humilde e educável se queremos conhecer e entender os pensamentos de Deus, pois “Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes.” (Tg.4:6).

7. Praticantes e não somente ouvintes

Todavia, não é suficiente apenas receber ensino e crer nele. Precisamos pôr em prática aquilo que ouvimos. Aquele que ouve, mas não pratica, engana-se a si mesmo (Ez.33:30-32; Tg.1:22-25). Se o indivíduo permanecer indiferente, sem buscar viver o que está aprendendo, não passará de um religioso e jamais experimentará transformação.

Se quisermos de fato nos tornar como Jesus, precisamos ser mais do que meros ouvintes da palavra. É a prática que forma em nós convicções que não podem ser abaladas pelas tempestades da vida (Mt.7:24-27).

ANDANDO EM NOVIDADE DE VIDA

LIÇÃO 11 - PECADOS SEXUAIS

“Aquele que diz que está nele, também deve andar como ele andou.” (1 João 2:6)

1. O que é andar em novidade de vida?

Andar em novidade de vida significa viver uma vida condizente com o arrependimento, que é um dos principais requisitos da salvação.

“Mas anunciei primeiramente aos de Damasco e em Jerusalém, por toda a região da Judéia, e aos gentios, que se arrependessem e se convertessem a Deus, praticando obras dignas de arrependimento”. (Atos 26:20)

O verdadeiro arrependimento faz com que nos voltemos para Deus (conversão) e nos afastemos do pecado (praticar obras dignas de arrependimento).

Não basta, portanto, apenas mudar a nossa atitude para com Deus, precisamos também mudar a nossa maneira de viver, pois ao verdadeiro arrependimento segue-se uma mudança de comportamento. Infelizmente, há aqueles que, **“no tocante a Deus, professam conhecê-lo, entretanto o negam por suas obras, por isso são abomináveis, desobedientes e reprovados para toda boa obra”**. (Tt.1:16).

2. O que são obras dignas de arrependimento?

Praticar obras dignas de arrependimento significa andar na vontade de Deus assim como é revelada nas Escrituras, renunciando à vida de pecado (Efésios 4:17-32; 1 Jo.3:3-10).

As expressões “obras más” (Jo.3:19), “obras das trevas” (Rm.13:12), “obras da carne” (Gl.5:19), “obras mortas” (Hb.6:1) e “obras ímpias” (Jd.15) referem-se à vida de pecado.

3. O que é vida de pecado?

Paulo nos dá uma relação do que Deus entende por vida de pecado em Gálatas 5:19-21. Esta lista não é exaustiva, mas apenas exemplificativa, pois no final ele acrescenta: “e coisas semelhantes a estas”.

Esta relação pode ser dividida em quatro grupos:

- I. Pecados sexuais – prostituição, impureza, lascívia;
- II. Pecados de superstição – idolatria, feitiçaria;

- III. Pecados de relacionamento – inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas;
- IV. Pecados de excessos – bebedices, gluttonarias.

4. Pecados sexuais

Deus criou o homem macho e fêmea. Ele, portanto, é o autor do sexo (Gn.2:20-25). A relação sexual, portanto, é pura e santa quando praticada dentro do propósito original de Deus.

A nossa sexualidade foi ordenada para a procriação e o prazer mútuo, nos limites do casamento (Gn.1:27,28; Pv.5:15-23).

A) O que é prostituição?

*No original grego, a palavra usada é **pornéia** e implica todas as formas de ato sexual fora do matrimônio, tais como fornicação (sexo entre solteiros), adultério (infidelidade conjugal) e prostituição (vida sexual promíscua ou comércio profissional do sexo) (I Ts.4:1-7; Hb.13:4).*

Por que o sexo pré-conjugal é errado? Porque o ato sexual é a formalização de uma aliança (pacto, compromisso) entre um homem e uma mulher perante Deus (Mt.19:4-9). O ato vai muito além do contato físico, pois envolve a pessoa física, emocional e espiritualmente, fazendo dos dois uma só carne (I Co.6:16; Gn.34:1-4).

Sempre, portanto, que há conjunção carnal entre um homem e uma mulher, os dois se tornam uma só carne, surgindo um vínculo de alma. Este vínculo permanece mesmo após o rompimento do relacionamento. Logo, múltiplos parceiros significam múltiplas uniões e vínculos de alma que afetarão futuros relacionamentos.

Se a pessoa teve mais de um parceiro ou parceira na sua vida sexual, deve, por meio da oração, confessar o seu pecado, pedir perdão e romper com estes vínculos de alma para que seja livre. Segue um modelo de oração:

“Pai, eu venho a ti para pedir perdão por ter me envolvido sexualmente com parceiros fora do matrimônio, cometendo fornicação (ou adultério) e trazendo consequências desastrosas para a minha vida e relacionamentos. Agora, em nome de Jesus, eu me desligo física, emocional e espiritualmente destas pessoas com quem me envolvi e também as liberto de mim. Eu devolvo o pedaço da alma delas que eu me apossei e tomo de volta o pedaço da minha alma que elas possuem. Muito obrigado, Senhor, pois sei que está feito. Amém.”

B) O que é impureza?

No original grego, a palavra usada é *akatharsia* e significa literalmente “imundícia”. Figuradamente, indica “o uso ilícito dos impulsos sexuais”. Os vícios sexuais estão aqui em foco, tais como a pornografia, a masturbação e o homossexualismo. Apesar de tais práticas serem aceitas pela sociedade de hoje, Deus as reprovava (Ef.5:5-7,11; Cl.3:5,6).

Por que a pornografia é errada? Porque Jesus disse que **“qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela.”** (Mt.5:28). Por isso, deveríamos fazer como Jó: “Fiz aliança com meus olhos; como, pois, os fixaria eu numa donzela?” (Jó 31:1).

Por que a masturbação é errada? O sexo foi criado para ser compartilhado a dois, entre marido e mulher, e não de forma egoísta e solitária. Além do mais, a masturbação é quase sempre acompanhada de pornografia ou fantasias eróticas.

No mundo sensual em que vivemos, não é fácil viver uma vida de santidade. A melhor maneira de enfrentar este desafio é evitando aquelas situações que sirvam de estímulo para os nossos impulsos sexuais, tais como certos livros, revistas, filmes e lugares. Paulo orientou não a resistir, mas a fugir da tentação sexual: **“Foge, outrossim, das paixões da mocidade.”** (II Tm.2:22).

Por que o homossexualismo é errado? A Bíblia condena o homossexualismo porque Deus criou o homem macho e fêmea para que fossem seres heterossexuais e assim preservassem a espécie (Gn.1:28). O homossexualismo é um desvio de comportamento que desafia a ordem que Deus estabeleceu e condena a humanidade à extinção. Não se trata de homofobia, mas de repúdio a um pecado sexual semelhante à fornicação e ao adultério (Lv.18:22; 20:13; Rm.1:25-27; I Co.6:9,10).

Se a pessoa pratica ou praticou um destes vícios sexuais ela deve, por meio da oração, confessar o seu pecado, pedir perdão, renunciar a prática pecaminosa e expulsar os demônios de lascívia que a mantém cativa. Segue um modelo de oração:

“Pai, eu venho a ti para pedir perdão por ter me envolvido na prática de [diz o nome], sabendo agora tratar-se de um pecado contra Ti. Em nome de Jesus, eu renuncio a esta prática pecaminosa e eu expulso qualquer espírito maligno de lascívia que me mantém cativo, não querendo mais parte com ele. Muito obrigado, Senhor, pois sei que está feito. Amém.”

C) O que é lascívia?

No original grego, a palavra usada é *aselgeia* e significa “perversão sexual”. Está em pauta a conduta assinalada por indulgência sexual irrestrita e pervertida como o exibicionismo, o incesto, o estupro, a pedofilia, o sadomasoquismo, a zoofilia (sexo

com animais), a necrofilia (sexo com cadáver) e outras perversões semelhantes (Lv.18:6-24).

Vivemos numa sociedade extremamente sensual e liberal. Isto faz com que o nosso discernimento entre o que é certo ou errado na questão da nossa sexualidade fique cada vez mais difícil. Um bom princípio a se seguir é o seguinte: toda atividade ou comportamento que desperta desejos lascivos, tanto em nós mesmos (coisas que vemos e lugares que vamos), como em outros (como nos vestimos e nos comportamos) devem ser evitados.

Viver em santidade (pureza moral) não é algo apenas desejável, mas um imperativo para os que querem fazer a vontade de Deus (I Ts.4:3-8). A Bíblia chega a declarar que **“sem santificação, ninguém verá ao Senhor.”** (Hb.12:14).

Se a pessoa pratica ou praticou um destes vícios sexuais ela deve, por meio da oração, confessar o seu pecado, pedir perdão, renunciar à prática pecaminosa e expulsar os demônios de lascívia que a mantém cativa. Segue um modelo de oração:

“Pai, eu venho a ti para pedir perdão por ter me envolvido na prática de [diz o nome], sabendo, agora, tratar-se de um pecado contra Ti. Em nome de Jesus, eu renuncio a esta prática pecaminosa e eu expulso qualquer espírito maligno de perversidade que me mantém cativo, não querendo mais parte com ele. Muito obrigado, Senhor, pois sei que está feito. Amém.”

LIÇÃO 12 - PECADOS DE SUPERSTIÇÃO

1. O que é idolatria

A palavra “ídolo”, no grego, é *eidolon* e significa “imagem”. Idolatria, portanto, é o culto que se presta a uma imagem (representação de algum ser, objeto de veneração). Ora, Deus disse:

“Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima no céu, nem embaixo na terra; nem nas águas debaixo da terra; não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem.” (Dt.5:8,9).

As práticas de rezar para imagens de santos, na Igreja Católica, de ofertar a deuses afro-brasileiros, na Macumba ou de cultuar qualquer outra divindade que não seja o Deus da Bíblia são proibidas.

“Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim.” (Dt.5:6-9).

A razão desta proibição é dupla:

- I. Primeiro, porque só o Deus da Bíblia deve ser adorado (Is.42:17; 46:5-10);
- II. Segundo, porque todo culto que não seja para o Deus da Bíblia envolve demônios (Dt.32:17; Lv.17:7; I Co.10:19,20).

A idolatria não está presente apenas quando alguém se ajoelha perante uma imagem. Ela ocorre sempre que permitimos que algo ou alguém tome o lugar do Senhor Jesus em nossos corações (Ez.14:3,4).

Se a pessoa é ou já foi idólatra ela deve, por meio da oração, confessar o seu pecado, pedir perdão, renunciar a prática pecaminosa e expulsar os demônios de superstição que a mantém cativa. Segue um modelo de oração:

“Pai, eu venho a ti para pedir perdão por ter me envolvido com a idolatria de [diz o nome], sabendo, agora, tratar-se de um pecado contra Ti. Em nome de Jesus, eu renuncio a esta prática pecaminosa e expulso qualquer espírito maligno de idolatria com quem me associei e que me mantém cativo, não querendo mais parte com ele. Muito obrigado, Senhor, pois sei que está feito. Amém.”

2. O que é feitiçaria

A feitiçaria (também conhecida como magia ou ocultismo) é a prática de rituais, feitiços, orações ou invocações (com ou sem o uso de amuletos ou talismãs) que visam colocar a pessoa em contato com os aspectos ocultos do universo e de uma divindade. Afirma-se que, por estes meios, é possível fazer com que forças ocultas atuem sobre o ambiente, modificando, por exemplo, à vontade, o agir ou o destino das pessoas. Wicca, Neopaganismo, Teosofia, Thelema, Satanismo e Macumba⁸ são alguns exemplos de sistemas mágicos.

No Brasil, a Umbanda e o Candomblé são as formas de magia mais populares.

A umbanda é uma religião de origem brasileira que combina elementos do catolicismo, das religiões africanas e do animismo indígena. No Brasil, o Rio Grande do Sul tem a maior proporção nacional de adeptos da umbanda: 1,47%, quase cinco vezes o percentual do estado da Bahia.⁹

O candomblé é uma religião derivada do animismo africano onde se cultuam os orixás. É uma das religiões de matriz africana mais praticadas, tendo mais de três milhões de seguidores em todo o mundo, principalmente no Brasil.

Deus proíbe toda forma de feitiçaria pelo mesmo motivo que Ele proíbe a idolatria. Além de afastar o homem do verdadeiro Deus, envolve espíritos malignos cujo propósito é enganar e destruir o homem.

“Não pratiquem adivinhação nem feitiçaria.” (Lv.19:26)

“Não se achará entre ti (...) adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor (Dt.18:10-12).

Se a pessoa pratica ou já praticou qualquer forma de feitiçaria ela deve, por meio da oração, confessar o seu pecado, pedir perdão, renunciar à prática pecaminosa e expulsar os demônios de feitiçaria que a mantém cativa. Segue um modelo de oração:

“Pai, eu venho a ti para pedir perdão por ter me envolvido com a feitiçaria na forma de [diz o nome], sabendo, agora, tratar-se de um pecado contra Ti.

⁸ Designação leiga dos cultos afro-brasileiros em geral.

⁹ Quimbanda é um conceito religioso de origem afro-brasileira, presente na Umbanda. Por vezes, é classificada como uma religião autônoma. É identificado por alguns como o lado negativo da Umbanda.

Em nome de Jesus, eu renuncio a esta prática pecaminosa e expulso qualquer espírito maligno de feitiçaria com quem me associei e que me mantém cativo, não querendo mais parte com ele. Muito obrigado, Senhor, pois sei que está feito. Amém.”

3. O que é Astrologia

A astrologia é uma pseudociência apoiada por religiões ligadas à feitiçaria segundo a qual as posições relativas dos corpos celestes poderiam prover informação sobre a personalidade, as relações humanas, e outros assuntos relacionados à vida do ser humano. É, como tal, uma atividade divinatória, quando usada como oráculo, mas também pode ser usada como ferramenta para definição das personalidades humanas.

A atividade central da astrologia é a determinação de horóscopos, substituindo o criador pessoal por um cosmos impessoal. Por trás desta prática, está um demônio de adivinhação.

“Já estás cansada com a multidão das tuas consultas! Levantem-se, pois, agora, os que dissecam os céus e fitam os astros, os que em cada lua nova te predizem o que há de vir sobre ti. Eis que serão como restolho, o fogo os queimará” (Is.47:13,14)

“Aconteceu que, indo nós para o lugar de oração, nos saiu ao encontro uma jovem possesa de espírito adivinhador, a qual, adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores.” (At.16:16).

Além da astrologia, muitas outras artes mágicas desempenham funções de vidência. Tradicionalmente, as práticas divinatórias se apoiam em objetos simples para manipular ou na observação da natureza e dos elementos a nossa volta. Seguem alguns exemplos:

- I. Numerologia – adivinhação através do significado oculto dos números.
- II. Búzios – adivinhação através do arremesso de 16 conchas sobre uma mesa previamente preparada.
- III. Cartomancia - adivinhação através das cartas de baralho comum ou do tarô.
- IV. Cleromancia - adivinhação através do lançamento de dados.
- V. Cristalomania - adivinhação através de um cristal, como a bola de cristal.
- VI. Quiromancia - arte de adivinhar através das linhas e sinais da mão do consultante.

Se a pessoa pratica ou praticou adivinhação ou se ela alguma vez consultou horóscopo ou um adivinho, deve, por meio da oração, confessar o seu pecado, pedir perdão, renunciar a prática pecaminosa e expulsar o demônio de adivinhação que a mantém cativa. Segue um modelo de oração:

“Pai, eu venho a ti para pedir perdão por ter me envolvido com adivinhação, sabendo, agora, tratar-se de um pecado contra Ti. Em nome de Jesus, eu renuncio a esta prática pecaminosa e expulso qualquer espírito maligno de adivinhação com quem me associei e que me mantém cativo, não querendo mais parte com ele. Muito obrigado, Senhor, pois sei que está feito. Amém.”

4. O que é Espiritismo?

O Espiritismo é uma doutrina de cunho filosófico-religioso voltado para o aperfeiçoamento moral do homem por meio de ensinamentos transmitidos por espíritos desencarnados que se comunicam com os vivos através de médiuns. Esta doutrina foi organizada (codificada), no século XIX, por um educador francês, conhecido por Allan Kardec.

No Espiritismo, acredita-se na evolução da alma pelo próprio esforço. Essa evolução requer aprendizado, o que ocorre através das sucessivas reencarnações. Enquanto desencarnados, estes espíritos podem se comunicar com os vivos através dos denominados médiuns. Há também diferentes mundos, disseminados pelo espaço infinito, que constituem as inúmeras moradas dos espíritos que neles encarnam. As condições desses mundos diferem quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade dos seus habitantes.

Deus abomina a necromancia e a consulta aos mortos.

“Não recorram aos médiuns nem busquem a quem consulta espíritos, pois vocês serão contaminados por eles. Eu sou o Senhor, o Deus de vocês.” (Lv.19:31)

“Voltarei o meu rosto contra quem consulta espíritos e contra quem procura médiuns para segui-los, prostituindo-se com eles. Eu o eliminarei do meio do seu povo.” (Lv.20:6)

A razão disto é que os mortos não voltam mais, mas vão para o Hades onde aguardam o dia do juízo, quando serão julgados por suas obras, caso não estejam inscritos no livro da vida.

“Aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo.” (Hb.9:27).

“Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriam livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros.” (Ap.20:12)

O mais grave desta doutrina é que, se fosse verdade, a morte de Jesus na cruz pelos nossos pecados teria sido em vão, pois o homem não necessitaria de um salvador já que ele pode aperfeiçoar-se por meio de sucessivas reencarnações.

Ora, se os mortos não voltam, também não podem se comunicar com os vivos. Logo, as manifestações mediúnicas ou são falsas ou são manifestações demoníacas para enganar os incautos.

“Quando vos disserem: Consultai os necromantes e os adivinhos, que chilreiam e murmuram, acaso, não consultará o povo ao seu Deus? A favor dos vivos se consultarão os mortos?” (Is.8:19)

“Tal como a nuvem se desfaz e passa, aquele que desce à sepultura jamais tornará a subir. Nunca mais tornará a sua casa, nem o lugar onde habita o conhecerá jamais.” (Jó 7:9,10).

Se a pessoa participa ou já participou de um centro espírita ela deve, por meio da oração, confessar o seu pecado, pedir perdão, renunciar à prática pecaminosa de consultar os mortos e expulsar os demônios de espiritismo que a mantém cativa. Segue um modelo de oração:

“Pai, eu venho a ti para pedir perdão por ter me envolvido com o espiritismo, sabendo, agora, tratar-se de um pecado contra Ti. Em nome de Jesus, eu renuncio a esta prática pecaminosa e expulso qualquer espírito maligno de espiritismo com quem me associei e que me mantém cativo, não querendo mais ter parte com ele. Muito obrigado, Senhor, pois sei que está feito. Amém.”

5. Seitas e falsas religiões

Qualquer grupo religioso que em matéria de fé sustenta opiniões contrárias à Palavra de Deus é uma seita ou uma falsa religião.

A falsa religião é fácil de identificar porque nela se cultua uma ou mais divindades que não são o Deus da Bíblia como, por exemplo: Budismo, Hinduísmo, Islamismo e Xintoísmo.

Já uma seita nem sempre é tão fácil de identificar, pois normalmente tem sua origem no Cristianismo. O que as denunciam são os desvios doutrinários que as descaracterizam como cristãs. São exemplos: Testemunhas de Jeová, Mórmons, Maçonaria, Rosa Cruz, Adventistas do Sétimo Dia, Ciência Cristã, Unitarismo.¹⁰

¹⁰ As palavras “seita” e “heresia” são derivadas do mesmo vocábulo grego *háiresis*, que significa escolha, partido, facção. A palavra “seita” é heresia, em latim.

Existem alguns aspectos muito comuns às seitas; dentre eles destacamos os seguintes:

- I. Jesus não é o centro das atenções.
- II. Há outras fontes doutrinárias além da Bíblia.
- III. Dizem serem os únicos certos.
- IV. Usam uma interpretação falsa da Bíblia.
- V. Ensinam que o homem pode desenvolver sua própria salvação.
- VI. São proselitistas.

Se a pessoa participa ou já participou de uma destas seitas ou religiões ela deve, por meio da oração, confessar o seu pecado, pedir perdão, renunciar a seu envolvimento e expulsar os demônios de engano relacionados com aquela seita ou religião que a manteve cativa. Segue um modelo de oração:

“Pai, eu venho a ti para pedir perdão por ter me envolvido com [dê o nome da seita ou religião], sabendo, agora, tratar-se de um pecado contra Ti. Em nome de Jesus, eu renuncio a esta seita (ou religião) com toda a sua doutrina e expulso todo espírito maligno de engano associado a ela e que me manteve cativo, não querendo mais ter parte com ele. Muito obrigado, Senhor, pois sei que está feito. Amém.”

6. Objetos amaldiçoados.

Qualquer objeto relacionado com idolatria, ocultismo ou esoterismo, a Bíblia considera como coisa amaldiçoada.

“As imagens de escultura de seus deuses queimarás a fogo; a prata e o ouro que estão sobre elas não cobiçarás, nem os tomarás para ti, para que não te enlaces neles; pois abominação é ao Senhor teu Deus. Não porás, pois, abominação em tua casa, para que não sejas amaldiçoado, assim como ela; de todo a detestarás, e de todo a abominarás, porque amaldiçoada é.” (Dt.7:25,26).

São exemplos de objetos amaldiçoados: literatura esotérica ou herética, quadros ou esculturas que representam divindades ou temas ocultistas, objetos benzidos em centro espírita ou terreiro de macumba, objetos de práticas ocultas (cartas de tarô, horóscopos, búzios), objetos de superstição (pirâmides, budas, duendes, bruxinhas, cristais, incenso, elefantes, sapos e corujas).

Aqui entram também amuletos e colares, pingentes, pulseiras ou estampas com temas idólatras ou ocultistas.

Caso a pessoa tenha um ou mais destes objetos em sua casa, ela deve destruí-los e os demônios representados por eles ou atraídos a eles expulsos em nome de Jesus.

“E terás por contaminados a prata que recobre as imagens esculpidas e o ouro que reveste as tuas imagens de fundição; lança-las-ás fora como coisa imunda e a cada uma dirás: Fora daqui!” (Is.30:22)

“Muitos dos que creram vieram confessando e denunciando publicamente as suas próprias obras. Também muitos dos que haviam praticado artes mágicas, reunindo os seus livros, os queimaram diante de todos. Calculados os seus preços, achou-se que montavam a cinquenta mil denários.” (At.19:18,19).

Segue um modelo de oração:

“Pai, eu venho a ti para pedir perdão por ter na minha casa (ou na minha pessoa) este objeto abominável aos teus olhos. Em nome de Jesus, eu rejeito o que este objeto simboliza e peço-te que elimines qualquer porta de entrada demoníaca aberta por este objeto amaldiçoado. Peço também a quebra de qualquer maldição advinda da minha posse deste objeto. Eu agora expulso qualquer espírito maligno associado a este objeto, não querendo mais parte com ele. Muito obrigado, Senhor, pois sei que está feito. Amém.”

LIÇÃO 13 - PECADOS DE RELACIONAMENTO

1. O que é inimizade

No original grego, a palavra é *echthra*, que significa “ódio”. É o oposto da palavra grega *agápe*, que quer dizer “amor”. Usado no plural, como aqui em Gálatas 5:20, indica muitas modalidades de ódio tais como: ira, amargura, rancor, ressentimento, mágoa e raiva.

Jesus, certa vez, ensinou a orar assim: “perdoa-nos as nossas dívidas, assim como temos perdoado aos nossos devedores” (Mt.6:12). Com isso, Cristo introduziu a noção de “débitos morais” que, na verdade, se acha fortemente presente na natureza humana. Buscamos formas de “pagar” nossos erros ou “cobrar” os que os outros nos fizeram. Mas a boa nova é que Jesus “cancelou todo escrito de dívida que era contra nós (...) encravando-o na cruz.” (Cl.2:14). Agora, em Cristo Jesus, podemos perdoar os nossos devedores porque Ele primeiro nos perdoou. (Jo.20:23; Ef.4:32; Cl.3:12,13).

A pessoa que se recusa a perdoar, isto é, que guarda ressentimento contra outra pessoa no seu coração, acaba se tornando escrava da pessoa a quem não perdoa. A vida se torna amarga e até a saúde emocional e física são afetadas. Além disso, abre uma porta para demônios de ódio e enfermidade. A pessoa que não perdoa, portanto, fere muito mais a si mesma do que ao seu ofensor. Mas o pior de tudo é que se não perdoamos, não seremos perdoados (Mt.6:14,15).

Perdoar é um ato de vontade. Não tem nada a ver com o sentimento que temos em relação ao nosso ofensor. Se não fosse assim, não poderia ser um mandamento, pois não temos controle sobre os nossos sentimentos. Ao liberar perdão (o que deve ser feito em oração) o Espírito Santo começa uma obra sobrenatural de cura interior. Segue, abaixo, um modelo de oração:

“Pai, eu perdooo fulano de tal por ter [diz a ofensa] contra mim. Peço que o Senhor também o perdoe. Espírito Santo, cura a minha alma e remove todo o ódio que sinto no meu coração contra fulano, em nome de Jesus. Muito obrigado, Senhor, pois sei que está feito. Amém”.

2. O que é porfia

No original grego, a palavra é *eris* e significa “disputa”, “rivalidade”. Vivemos num mundo competitivo. Desde criança somos estimulados a disputar com os nossos pares para chegar à frente. Em casa (entre irmãos), na escola e no trabalho predomina a lei do mais forte. Todavia, no Reino de Deus, não há lugar para competição ou rivalidade. Somos um corpo e dependemos uns dos outros e, por isso, quando um cresce, todos crescem com ele; quando um está com problemas, todos sofrem com ele (I Co.12:12-26).

3. O que é ciúme

No original grego, a palavra é *zelos* e significa “receio de perder alguém ou alguma coisa para outra pessoa”. Alguns pensam que o ciúme é o companheiro necessário do amor. Porém este tipo de amor nada mais é do que um ‘nobre’ egoísmo. O verdadeiro amor é altruísta, e nele não há ciúme. Como lemos em I Co.13:4: “O amor não arde em ciúmes”.

Existe uma grande diferença entre zelo, que é o cuidado que devemos ter com pessoas e coisas e o ciúme, que é uma possessividade exagerada causada por insegurança. Aquele é sempre desejável, mas este, destrutivo.

A pessoa ciumenta pode abrir brecha em sua vida para um demônio de ciúmes fazendo com que ela se torne obsessiva com o objeto do seu ciúme. Logo, se a pessoa é muito possessiva e vive desconfiada e enciumada, não conseguindo controlar as suas emoções, é possível que precise de libertação. Segue, abaixo, um modelo de oração:

“Pai, perdoa-me por dar lugar ao ciúme. Eu me arrependo e rejeito toda insegurança e desconfiança. Ajuda-me, Espírito Santo, a confiar em ----- e em todos com quem ela(ele) se relaciona. Em nome de Jesus, eu rejeito e expulso todo espírito maligno de ciúme da minha vida que me manteve cativo, e não quero mais ter parte com ele. Muito obrigado, Senhor, pois sei que está feito. Amém.”

4. O que é ira

A palavra que Paulo usa aqui não é a mesma que ele usa em Efésios 4:26, quando escreve: *“Irai-vos e não pequeis”*. O vocábulo traduzido “ira”, em Efésios, é *orgé* e significa “uma condição emocional de raiva”. Já em Gálatas o termo é *thumos* e significa “uma explosão de ira”. Trata-se, portanto, de uma reação de fúria.

As emoções não são boas nem ruins. Por isso, a Bíblia não chama a ira de pecado, mas, sim, a forma como reagimos a esta emoção. Não podemos ser, como discípulos de Jesus, homens e mulheres iracundos, que não sabem controlar o seu gênio (Pv.22;24,25; Ef.4:31,32). A gritaria, por exemplo, não deveria existir em qualquer ambiente e, principalmente, dentro do lar.

A pessoa que dá lugar a fúria pode acabar sob a influência de um demônio de ira. Quando a pessoa é muito brigona e não consegue controlar a sua raiva, tornando-se, às vezes, até violenta, é possível que precise de libertação. Segue, abaixo, um modelo de oração:

“Pai, perdoa-me por dar lugar à ira. Eu me arrependo e rejeito a fúria como sendo um traço da minha personalidade. Ajuda-me, Espírito Santo, a controlar o meu gênio e, em nome de Jesus, expulso todo espírito maligno

de ira da minha vida e que me manteve cativo, e não quero mais ter parte com ele. Muito obrigado, Senhor, pois sei que está feito. Amém.”

5. O que é discórdia

No original grego, a palavra é *eritheia*, que quer dizer “fazer algo com propósito egoísta”. O egoísta só pensa em si mesmo e não faz nada que não lhe traga algum proveito. A sua frase favorita é: “O que eu ganho com isso?”. Mas Jesus nos ensinou a viver exatamente o contrário: servindo ao nosso próximo e colocando os interesses dos outros acima dos nossos (Fl.2:3,4,19-21).

6. O que é dissensão

No original grego, a palavra é *dichostasia* e significa “colocar-se à parte”. O desentendimento entre irmãos sempre traz prejuízo para a Igreja. A Bíblia não diz que temos que concordar em tudo. Podemos ter nossas opiniões e diferenças, mas isto não pode ser motivo de deixarmos de ter comunhão uns como os outros (Ef.4:1-3).

7. O que é facção

No original grego, a palavra é *hairesis*, que quer dizer “espírito sectário”. A raiz do termo grego indica a ideia de “escolher”, pelo que também significa “uma escolha”, “uma preferência”. Uma das obras mais maléficas e bem-sucedidas de Satanás tem sido a de dividir a Igreja de Jesus Cristo em muitas denominações - e dentro das igrejas, em panelinhas (I Co.11:18,19). É interessante observar que toda denominação está fundamentada numa preferência por uma determinada doutrina ou pessoa (I Co.1:10-13).

8. O que é inveja

No original grego, a palavra é *phthonos*, que significa “desgosto ou pesar pelo bem ou felicidade de outrem”. Este sentimento tem sua origem na competição que nos incita a igualar ou superar os outros e, assim, satisfazer um complexo de inferioridade. Se pararmos de nos comparar uns com os outros e nos preocuparmos em sermos fiéis naquilo que o Senhor nos confiou, certamente buscaremos, não mais a aprovação dos homens, mas a de Deus. (II Co.10:12,17,18).

Todo pecado de relacionamento abre portas para atividade demoníaca que afeta não somente as nossas vidas, mas também a igreja.

“Mas, se tendes inveja amargurada, e sentimento faccioso em vosso coração, não vos glorieis, nem mintais contra a verdade. Essa não é a

sabedoria que vem do alto, mas é terrena, animal e demoníaca. Porque onde há inveja e espírito faccioso aí há confusão e toda espécie de coisas ruins.” (Tg.3:14-16).

Se a pessoa é egoísta, competitiva, partidária ou invejosa, deve se arrepender e, em oração, pedir perdão ao Senhor por esta atitude. Então deve pedir para o Espírito Santo mudar o seu coração e os seus valores. Por via das dúvidas, deve, também, em nome de Jesus, renunciar e expulsar qualquer demônio relacionado a estas atitudes. Segue, abaixo, um modelo de oração:

“Pai, eu me arrependo de ser tão [diz o sentimento] e peço-te perdão. Espírito Santo, muda o meu coração e os meus valores para que eu seja mais como Jesus. Se algum demônio de [diz o sentimento] achou uma brecha em minha vida, em nome de Jesus, eu o renuncio e o expulso, e não quero mais ter parte com ele. Muito obrigado, Senhor, pois sei que está feito. Amém.”

LIÇÃO 14 - PECADOS DE EXCESSO

O vício é uma conduta nociva e habitual que cria dependência química e/ou psicológica no indivíduo, trazendo prejuízo para si próprio, para sua família e à sociedade. Os vícios mais comuns são:

1. Alcoolismo

Através dos tempos, a Igreja tem vivido entre duas tendências com relação ao álcool: a moderação e a abstinência. Ainda que a Bíblia pareça manter uma postura de moderação, condena severamente a embriaguez. (Pv.20:1). O grande perigo do álcool está no excesso. Além de tornar-se facilmente um vício, a bebida pode prejudicar seriamente o cérebro, o fígado, o pâncreas e o coração. A Bíblia recomenda a abstinência, quando:

- I. A pessoa já foi alcoólatra (Pv.23:29-35);
- II. Não há domínio próprio (I Co.6:12);
- III. A bebida servir de escândalo ou tropeço (Rm.14:21).

2. Tabagismo

A Bíblia não menciona esse vício porque, no Oriente Médio daquela época, ainda não existia. Todavia, baseado em princípios bíblicos, pode-se afirmar que o cristão não deve fumar por causa dos danos que a nicotina causa à saúde. O cigarro prejudica as vias respiratórias, os pulmões e o coração. Em razão destes danos, o fumo deve ser evitado. Quando fazemos mal ao nosso corpo, que não é mais nosso, mas do Espírito Santo, pecamos contra Deus (I Co.6:19,20).

3. Entorpecentes

Há diferentes classes de drogas. Algumas são benéficas, outras produzem efeitos danosos ao corpo e alteram inclusive o sistema nervoso, podendo levar à morte. Entre as drogas que causam danos estão os narcóticos como, cocaína, heroína, maconha, craque e LSD. A característica comum dessas drogas fortes é a dependência química e psicológica. No início, elas produzem uma sensação de bem-estar, mas logo esta sensação é substituída por uma necessidade escravizante que rouba da pessoa a sua dignidade, humanidade, e, por fim, a sua vida. As razões mencionadas acima com relação ao tabagismo também se aplicam aqui, mas com muito mais severidade, pois o dano causado pelo entorpecente afeta o próprio comportamento social do viciado.

4. Jogos de Azar

Aqui estão incluídos loterias, cassinos, jogo do bicho, hipódromo, cartas e qualquer outro tipo de jogo por dinheiro. A origem deste vício está na avareza e na busca de um ganho rápido e fácil, o que desagrada a Deus (I Tm.6:9,10). Os jogos de azar tendem a produzir uma dependência psicológica, por serem excitantes. É muito difícil jogar uma só vez. Em muitos casos, quem se envolve com este vício, acaba desequilibrando o seu orçamento familiar e trazendo perdas patrimoniais para sua família.

5. Glotonaria

Também conhecida por gula, é a falta de moderação na comida e na bebida. Para muitos, é uma forma de compensação para suas frustrações e tristezas. Para outros, é puro prazer. Paulo chega a dizer a respeito de alguns: “o deus deles é o ventre” (Fp.3:19). A glotonaria é um dos males deste século. Aliás, a obesidade já se tornou um problema de saúde pública, pois traz graves males à saúde. Somos chamados para zelar pelo nosso corpo, que é o templo do Espírito Santo. A melhor maneira de fazer isso é por meio de uma dieta balanceada e exercícios físicos regulares (Pv.23:19-21).

Todo vício envolve demônios, segundo as Escrituras: “Prometendo-lhes liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção, pois aquele que é vencido fica escravo do vencedor.” (II Pe.2:19). Vide também Rm.6:16; II Tm.2:26.

Se a pessoa é escrava de qualquer um destes vícios, deve, em oração, se arrepender, confessar o seu pecado, pedir perdão, renunciar a esta prática e expulsar o demônio do vício específico que a mantém cativa. Segue, abaixo, um modelo de oração:

“Pai, eu venho a ti em arrependimento para pedir perdão por ter me deixado escravizar pelo vício de [diz o nome], sabendo, agora, tratar-se de um pecado contra Ti. Em nome de Jesus, eu renuncio ao vício de [diz o nome] e expulso todo espírito maligno de [diz o nome] que me mantém cativo, e não quero mais ter parte com ele. Muito obrigado, Senhor, pois sei que está feito. Amém.”

LIÇÃO 15 - E COISAS SEMELHANTES A ESTAS

Podemos definir caráter como um conjunto de valores que governam o comportamento humano. O que o cristão deve buscar, portanto, é desenvolver um caráter semelhante ao de Cristo, arrependendo-se do seu caráter mundano.

O fruto do Espírito, de Gálatas 5:22,23, e as características do amor de, I Coríntios 13:4-7, são, na verdade, uma descrição do caráter de Jesus. Prova está que, basta substituir as palavras “fruto” e “amor” pelo nome de Jesus.

Já o caráter da nossa velha natureza está descrito aqui em Gálatas 5:20,21 e em Efésios 4:17-31 e Colossenses 3:5-11. Segue um resumo dos males mais comuns na sociedade de hoje:

1. A mentira

Mentira, no grego, é *pseudos*, que significa “falsidade”. Mentir, portanto, é afirmar algo que se sabe ser contrário à verdade. A mentira tem origem no diabo, porque ele é o pai da mentira (Jo.8:44). Logo, todo aquele que mente é seu filho. Por isso, devemos rejeitar à mentira em todas as suas formas: engano, hipocrisia, fingimento, exagero, fraude e falsificação.

“Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos, e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou.” (Cl.3:9,10).

2. A desonestidade

Em nossos dias, “ser esperto” é poder tirar vantagem dos outros, especialmente nos negócios. É o infame “jeitinho brasileiro”. Todavia, no Reino de Deus é a retidão (ser uma pessoa correta) e não a “esperteza” que tem a aprovação de Deus. Se formos filhos de Deus, devemos andar em conformidade com o Seu caráter (Pv.14:2; Lc.16:13).

“Não usem medidas desonestas quando medirem comprimento, peso ou quantidade. Usem balanças de pesos honestos, tanto para cereais, quanto para líquidos. Eu sou o Senhor, o Deus de vocês, que os tirei da terra do Egito.” (Lv.19:35,36)

3. A linguagem carnal

A fala é uma faculdade diferenciadora do ser humano (os animais não falam). Já que o falar é a nossa principal forma de expressão, a maioria dos pecados que cometemos é com a boca. A linguagem carnal inclui fofoca, crítica, murmuração, linguagem obscena, insultos, difamação, zombaria, blasfêmia e malícia. Precisamos vigiar as nossas conversas para que falemos somente o que edifica. Se não há algo bom para dizer, é preferível ficar calado. Vide Tiago 3:2-12.

“Não saia da vossa boca nenhuma palavra corrupta, e sim unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e, assim, transmita graça aos que ouvem. E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção.” (Ef.4:29) Vide também Cl.4:6.

“Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no Dia do Juízo; porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado.” (Mt.12:36,37)

4. A ociosidade

O indivíduo que tem possibilidade de trabalhar, mas que, por preguiça, não o faz, forçando aqueles que com ele simpatizam a assumirem a carga da sua manutenção, é um estigma para a igreja e uma péssima representação do que significa um crente. A fé em Cristo e a confiança n’Ele envolvem também o desenvolvimento do senso de responsabilidade (II Ts.3:10-12; Pv.6:6-11; 10:4). Seguem dois importantes conselhos:

1. A ambição moderada é bíblica (Gn.1:28). Por isso, todo homem deve procurar progredir nos seus estudos e profissionalmente.
2. Devemos ser o melhor naquilo que fazemos, não para agradar aos homens, mas para honrar ao Senhor, dar bom testemunho e prosperar para socorrer os necessitados (Pv.22:29; Ef.6:5-8; I Ts.4:11,12).

Todavia, podemos correr o risco de cairmos em outro extremo, tornando-nos viciados no trabalho, que é igualmente prejudicial. A motivação por traz deste vício muitas vezes é o desejo de status, riqueza ou obter bens materiais. Quando isto acontece, acabamos prejudicando nossos relacionamentos (Deus, família, igreja) e nossa saúde.

“E o que foi semeado entre os espinhos, este é o que ouve a palavra; mas os cuidados deste mundo e a sedução das riquezas sufocam a palavra, e ela fica infrutífera.” (Mt.13:22)

“Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor ao dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores.” (I Tm.6:9,10)

MANUAL DO DISCIPULADO

Igreja Chuva Serôdia

Wilson Castro